



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PROCESSOS  
SOCIOEDUCATIVOS E PRÁTICAS ESCOLARES

NÁDYA MARIA PINTO

ENSINO REMOTO NA PANDEMIA E O ANSEIO DOCENTE POR  
RECONHECIMENTO: REFLEXÕES A PARTIR DE AXEL HONNETH

SÃO JOÃO DEL-REI – MG

FEVEREIRO/2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PROCESSOS  
SOCIOEDUCATIVOS E PRÁTICAS ESCOLARES

NÁDYA MARIA PINTO

ENSINO REMOTO NA PANDEMIA E O ANSEIO DOCENTE POR  
RECONHECIMENTO: REFLEXÕES A PARTIR DE AXEL HONNETH

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Processos Socioeducativos e Práticas Escolares – da Universidade Federal de São João del-Rei, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Paulo César Pinheiro

SÃO JOÃO DEL-REI – MG

FEVEREIRO/2022

Ficha catalográfica elaborada pela Divisão de Biblioteca (DIBIB)  
e Núcleo de Tecnologia da Informação (NTINF) da UFSJ,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

P659e Pinto, Nádyá Maria.  
Ensino remoto na pandemia e o anseio docente por reconhecimento : Reflexões a partir de Axel Honneth / Nádyá Maria Pinto ; orientador Paulo César Pinheiro. -- São João del-Rei, 2022.  
84 p.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Processos Socioeducativos e Práticas Escolares) -- Universidade Federal de São João del-Rei, 2022.

1. Reconhecimento. 2. Axel Honneth. 3. ensino remoto. 4. professoras. 5. pandemia. I. Pinheiro, Paulo César, orient. II. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

OUTROS Nº 524 / 2022 - PPEDU (13.09)

Nº do Protocolo: 23122.010466/2022-56

São João del-Rei-MG, 22 de março de 2022.

Nádya Maria Pinto

## ENSINO REMOTO NA PANDEMIA E O ANSEIO DOCENTE POR RECONHECIMENTO: REFLEXÕES A PARTIR DE AXEL HONNETH

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Processos Sócioeducativos e Práticas Escolares, da Universidade Federal de São João de, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre em Educação.

São João del-Rei, 18 de março de 2022

### BANCA EXAMINADORA

*(Assinado digitalmente em 22/03/2022 13:38 )*

CASSIO CORREA BENJAMIN  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
DFIME (12.04)  
Matrícula: 1278382

*(Assinado digitalmente em 22/03/2022 10:20 )*

PAULO CESAR PINHEIRO  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
PPEDU (13.09)  
Matrícula: 1169112

*(Assinado digitalmente em 22/03/2022 14:29 )*

WANDERLEY CARDOSO DE OLIVEIRA  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
DECED (12.09)  
Matrícula: 435109

*(Assinado digitalmente em 22/03/2022 09:03 )*

MOISES ALVES DE OLIVEIRA  
ASSINANTE EXTERNO  
CPF: 064.838.198-62

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ufsj.edu.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **524**, ano: **2022**, tipo: **OUTROS**, data de emissão: **22/03/2022** e o código de verificação: **5b81a27b3e**

*“A eles e elas, Sem Terra, a seu inconformismo, à sua determinação de ajudar a democratização deste país, devemos mais do que às vezes podemos pensar. E que bom seria para a ampliação e a consolidação de nossa democracia, sobretudo para sua autenticidade, se outras marchas se seguissem à sua. A marcha dos desempregados, dos injustiçados, dos que protestam contra a impunidade, dos que clamam contra a violência, contra a mentira e o desrespeito à coisa pública. A marcha dos sem-teto, dos sem escola, dos sem-hospital, dos renegados. A marcha esperançosa dos que sabem que mudar é possível.”*  
(FREIRE, 2021, p. 70).

## AGRADECIMENTOS

À Deus e à Nossa Senhora, nos quais creio e encontro forças para trilhar o meu caminho. Aos meus pais, Luciano e Aparecida, por me apoiarem e aconselharem durante a minha trajetória.

Ao meu irmão, João Paulo, por ser tão companheiro e amigo, me ouvindo e me acompanhando ao longo desse trabalho.

Ao meu noivo, Victor, por me apoiar, aconselhar, compartilhar comigo todos os momentos de alegrias e dificuldades e por ser tão presente.

Às minhas avós, Cecília e Maria da Conceição, por serem exemplos de mulheres fortes e por me ensinarem tanto sobre a importância da fé.

À minha tia e madrinha, Eunice, por não medir esforços para me ajudar no que estivesse ao seu alcance.

Aos meus amigos, tanto os de Resende Costa quanto os que fiz durante a minha trajetória acadêmica, por dividirem comigo todas as angústias e felicidades do Mestrado.

À todos os meus familiares, que se fizeram presentes de forma direta ou indireta ao longo desse percurso.

Ao Grupo de Pesquisas em Educação, Ciências e Tecnologias na Contemporaneidade – GPECTHUS, por proporcionar debates e encontros tão ricos e pela ajuda ao longo de todo o processo de escrita da dissertação.

Às professoras que se dispuseram a compartilhar suas experiências sobre o ensino remoto na pandemia.

À todos os professores e funcionários do Mestrado em Educação da UFSJ, por tornarem toda a minha trajetória mais prazerosa e humana.

Aos professores Cássio, Wanderley e Moisés, que estiveram presentes na minha qualificação e me propiciaram olhares novos e potentes e comentários enriquecedores sobre o meu trabalho e por aceitarem o convite também para a defesa.

Ao meu orientador, Prof. Paulo, por ter me acolhido, me ouvido e me guiado durante esses dois anos, não deixando que eu perdesse minha autonomia diante à minha pesquisa.

Aos professores Fabio de Barros Silva e Maria José Netto de Andrade, ambos do DFIME, que me conduziram ao longo da graduação. Sem eles eu não teria chegado a esse trabalho.

À toda equipe do Centro Municipal de Educação Infantil “Aquarela” por todo acolhimento e aprendizado profissional e pessoal.

## RESUMO

Nesta pesquisa investigamos como a teoria do reconhecimento de Axel Honneth se relacionou com a educação remota no ano de 2020, causada pela pandemia da COVID-19. Trata-se de uma teoria social normativa na qual os indivíduos buscam o reconhecimento de si próprios e do outro por meio das esferas do amor, do direito e da solidariedade, como forma de construção de suas identidades. Dessa forma, analisamos a teoria do reconhecimento honnethiana e como ela tem se apresentado nas pesquisas em educação para analisar o discurso de duas professoras da educação básica de Minas Gerais, visando a responder às seguintes questões: as esferas do reconhecimento de Axel Honneth são observadas no discurso de professoras sobre o ensino remoto imposto pela Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais devido à quarentena causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2)? Quais esferas se revelam e quais são negadas? Primeiramente apresentamos o que é a teoria do reconhecimento de Axel Honneth, como ele formulou as esferas, o que é a luta por reconhecimento e o que considera por reificação. Compreendendo então a teoria, analisamos as falas das professoras da rede pública de Minas Gerais enunciadas durante um momento de escuta que ocorreu em nosso grupo de pesquisa (GPECTHUS) no ano de 2020, por meio da análise de conteúdo proposta pela Laurence Bardin. Percebemos que durante o ensino remoto as diferenças na educação ficaram ainda mais exaltadas, como foi denunciado pelas professoras. Ao mesmo tempo, elas se mostraram dedicadas juntamente com seus alunos e famílias em lutarem por uma educação de qualidade durante esse tempo. Também foi notado seus anseios com o pós-pandemia, as denúncias acerca das dificuldades que estavam enfrentando com o ensino remoto, como a falta e dificuldade de acesso à equipamentos e internet. Isso nos fez questionar a falta de reflexão de Honneth sobre o problema material existente na sociedade. Além disso, os relatos também citaram o distanciamento do sistema escolar com a realidade vivenciada e, também, como as professoras sentiam falta dos seus alunos, nos remetendo à esfera do amor. Isso nos mostrou a dualidade entre a efetivação e a negação do reconhecimento e das esferas durante os relatos, revelando a importância da teoria honnethiana para o campo educacional. Vemos a efetivação da esfera da solidariedade pelas professoras para com as famílias dos alunos e, ao mesmo tempo, se mostraram não reconhecidas nesta mesma esfera pela sociedade, bem como na esfera jurídica (direito) pelo sistema escolar do qual fazem parte.

**PALAVRAS-CHAVE:** Reconhecimento, Axel Honneth, ensino remoto, professoras, pandemia.

## ABSTRACT

In this research, we investigate how Axel Honneth's theory of recognition is related to remote education caused by COVID-19 pandemic in the year of 2020. It is a normative social theory in which individuals seek recognition of themselves and others, through the spheres of love, law and solidarity, as a way of building their identities. In this way, we analyze the Honnethian theory of recognition and how it has been presented in the education field in order to analyze the discourse of two teachers from Minas Gerais, aiming to answer the following questions: Axel Honneth's spheres of recognition are observed in the speech of the teachers on remote teaching imposed by the Minas Gerais State Department of Education due to the quarantine caused by the new coronavirus (SARS-CoV-2)? Which spheres are revealed, and which are denied? First, we present what Axel Honneth's theory of recognition is, how he formulated the spheres, what the struggle for recognition is and what he considers as reification. Understanding the theory, then we analyzed the teachers' speeches enunciated during a moment of listening that took place in our research group (GPECTHUS) in the year of 2020 through the content analysis proposed by Laurence Bardin. We noticed that during remote teaching the differences in education became even more exalted, as was denounced by the teachers. At the same time, they were dedicated together with their students and families in striving for a quality education during this time. Their anxieties with the post-pandemic, the complaints about the difficulties they were facing with remote teaching, such as the lack and difficulty of access to equipment and internet, were also noted. This made us question Honneth's lack of reflection on the material problem existing in society. In addition, the reports also mentioned the distance of the school system from the reality experienced and, also, how the teachers missed their students, referring us to the sphere of love. This showed us the duality between the realization and denial of recognition and spheres during the reports, revealing the importance of Honnethian theory for the educational field. We see the effectiveness of the sphere of solidarity by the teachers towards the families of the students and, at the same time, they were not recognized in this same sphere by society, as well as in the legal sphere (law) by the school system of which they are part.

**KEYWORDS:** Recognition, Axel Honneth, remote teaching, teachers, pandemic.



## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – As relações sociais de reconhecimento _____	22
Tabela 2 – Unidades de registro e de codificação _____	45
Tabela 3 – Unidades de codificação quantificadas _____	52
Tabela 4 – Categorias de análise _____	53

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 - As relações entre as categorias de análise e as esferas do reconhecimento \_ 72

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CONEB	Conferência Nacional de Educação Básica
DECIS	Departamento de Ciências Sociais
DFIME	Departamento de Filosofia e Métodos
FHC	Fernando Henrique Cardoso
GPECTHUS	Grupo de Pesquisas em Educação, Ciências e Tecnologias na Contemporaneidade
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LAFIL	Laboratório de Educação em Filosofia
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, <i>Queer</i> , Intersexo, Assexuais e mais
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
PETs	Planos de Estudos Tutorados
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
PNE	Plano Nacional de Educação
PPEDU	Programa de Pós-Graduação em Educação
UFSJ	Universidade Federal de São João del-Rei

## SUMÁRIO

1. Introdução: do reconhecimento próprio à pesquisa _____	11
2. O reconhecimento em Axel Honneth _____	16
2.1. A teoria do reconhecimento normativo e a luta por reconhecimento _____	16
2.2. O esquecimento do reconhecimento: a reificação _____	24
3. As aplicações da teoria do reconhecimento na educação _____	32
4. A metodologia da pesquisa _____	41
5. A presença das esferas do reconhecimento nos depoimentos de duas professoras da educação básica de Minas Gerais _____	44
5.1. Sistema de ensino _____	60
5.2. Professora _____	61
5.3. Pós-pandemia _____	63
5.4. Alunos _____	64
5.5. Educação _____	65
5.6. Acesso _____	66
5.7. Diferença _____	67
5.8. Solidariedade _____	68
6. Considerações finais _____	70
REFERÊNCIAS _____	74
APÊNDICE – Falas das professoras _____	78

## **1. Introdução: do reconhecimento próprio à pesquisa**

Para iniciar a escrita deste trabalho utilizo de minha trajetória, do processo de desenvolvimento de minha identidade e de meu reconhecimento próprio. O que aqui escrevo é uma história em construção, que a cada dia é desenvolvida, reconstruída, desconstruída e ressignificada pelos passos que escolho seguir.

Este trabalho é construído a partir do que eu sou, desse conjunto de trajetórias pessoais e acadêmicas/profissionais. Mas, o que sou? Como cheguei até aqui? Filha de pais simples e que prezaram a educação como base para meu crescimento, sempre me vi, desde os cinco anos de idade, com livros nas mãos e a incessante vontade de entender e conhecer o mundo. Nos anos escolares compreendia a educação e a escola como partes do que eu era, como meios para o meu reconhecimento.

Aos 17 anos, em 2014, me formei no Ensino Médio em uma escola pública de minha cidade, Resende Costa, sem saber muito bem o que eu “queria ser”. Entre tantas dúvidas e questionamentos sobre mim e sobre o mundo entrei no curso de Filosofia (Licenciatura), na UFSJ, em 2015.

A Filosofia veio como mais do que um curso de formação profissional, ela tornou o meu olhar sobre o mundo mais sensível. Além disso, o curso me trouxe mais perguntas do que respostas, fui me tornando cada vez mais questionadora. Entre tantos questionamentos e cada vez mais incertezas do que certezas, com a alma inquietante, renunciei ao emprego que eu tinha até o momento para me dedicar exclusivamente à graduação.

Em meados de 2016 interessei-me por temas que envolviam o feminismo, a política e a sociedade contemporânea. Foi então que em 2017 ingressei em um Grupo de Estudos em Gênero e Contemporaneidade, com a Professora Patrícia Mattos (DECIS), onde estudei textos de vários autores, um deles era o Axel Honneth. Concomitante com o Grupo de Estudos, eu participava de disciplinas na Filosofia que também trabalhavam, em alguns momentos, com o filósofo Axel Honneth. Essas disciplinas eram “Idealismo Alemão” e “Democracia e Representação”, ambas ministradas pelo Professor Cássio Corrêa Benjamin (DFIME).

Os textos de Axel Honneth chamaram minha atenção e me provocaram a vontade de conhecer mais seus escritos. No entanto, no ano de 2017 me envolvi um pouco mais com o ensino de Filosofia, deixando a ideia de estudar Honneth em segundo plano. Assim, comecei a realizar meus estágios supervisionados obrigatórios na Escola Estadual Assis Resende, na cidade de Resende Costa. Com os estágios pude vivenciar a prática escolar,

principalmente no que se tratava das aulas de Filosofia. Nessa mesma época, no final de 2017, ingressei no PIBID – Filosofia. No entanto, logo que ingressei foi anunciado o fim do edital e a suspensão do programa para sua reformulação. Apesar do curto tempo que participei desse programa e juntamente com os estágios, meu interesse pelo ensino foi despertado.

A partir disso, integrei, como voluntária, o Projeto de Extensão LAFIL, sob a orientação da querida Professora Maria José Netto de Andrade (DFIME). No LAFIL tínhamos uma parceria com algumas escolas da cidade de São João del-Rei. Nessas escolas, os(as) participantes do projeto lecionavam Filosofia para o Ensino Fundamental a partir da metodologia da comunidade de investigação proposta pelo filósofo Mathew Lipman.

Quase chegando no 2º semestre de 2018, decidi unir o gosto pela educação e pela pesquisa e entrei em contato com o Professor Fabio de Barros Silva (DFIME) para pensarmos um projeto de pesquisa na área de Filosofia da Educação. No mesmo período, me incorporei à Residência Pedagógica do curso de Filosofia com o intuito de vivenciar ainda mais a prática escolar. Com esse Programa, entre tantos aprendizados, pude perceber as desigualdades sociais dentro da escola e a importância de compreender as individualidades de cada aluno.

Foi assim que surgiu a vontade latente de estudar a educação com um olhar político e social. Ao mesmo tempo, escolhi ficar um ano a mais na graduação para cursar também o bacharelado e me dedicar à pesquisa. Com as experiências envolvendo o ensino e a extensão e o interesse na filosofia de Axel Honneth, decidi, juntamente com o Professor Fabio, relacionar as duas áreas (educação e a filosofia de Honneth) e investigar suas possíveis aproximações.

Após várias conversas com o meu orientador da época, chegamos ao consenso de pensar um projeto voltado para a análise de algumas leis educacionais inclusivas. Como, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei nº 9.394/1996, a Lei que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) – Lei nº 10.436/2002, a Lei que aprova o Plano Nacional da Educação (PNE) – Lei nº 13.005/2014, a Lei de Cotas – Lei nº 12.711/2012 e a Resolução CNE/CP 1/2018 que estabelece as normas referentes ao uso do nome social de travestis e transexuais nos registros escolares. Além disso, eu relacionaria essas leis com a Teoria do Reconhecimento proposta por Axel Honneth. Ao longo da escrita e do desenvolvimento do projeto, percebemos que seria muito amplo investigar todas as leis profundamente, já que o projeto estava se tornando minha monografia. Ademais, quanto

mais eu lia e discutia com meu orientador sobre as leis educacionais e a Teoria do Reconhecimento, cada vez mais questões apareciam para mim. Como essas leis e documentos educacionais funcionam na prática? Existe reconhecimento entre alunos e professores na prática escolar?

Decidimos, então, Fabio e eu, que em um primeiro momento eu investigaria a relação da Teoria do Reconhecimento com apenas uma lei ou documento. Escolhemos a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do Ensino Médio, visto que ela tinha sido aprovada no final de 2018 e estávamos em meados de 2019. O assunto estava atual e merecia ser discutido.

Outro ponto que decidimos era que os questionamentos levantados acerca do primeiro projeto escrito mereciam ser investigados. Por isso, entre a escrita da monografia e cada vez mais indagações, decidi escrever um pré-projeto para um possível ingresso no Mestrado em Educação da UFSJ. Com o apoio do Fabio, cheguei à questão do meu pré-projeto: O que do legalmente instituído, das políticas de inclusão, foi efetivado na prática? Uma análise para mostrar a importância do reconhecimento e da emancipação.

Lendo sobre o reconhecimento e a educação acabei me deparando com alguns textos sobre o multiculturalismo e incluí ideias e objetivos a ele relacionados em meu pré-projeto. Quando fui aprovada no PPEDU, o Professor Paulo se prontificou em orientar-me, devido ao seu interesse pelo multiculturalismo.

O Paulo desde o primeiro momento foi muito atencioso, me ouviu e propôs aceitar meu projeto de pesquisa com algumas modificações. A primeira ideia que acordamos era relacionar de forma mais evidente o reconhecimento e o multiculturalismo. Ao mesmo tempo, sob essa ótica, também procuraria identificar a presença do multiculturalismo e do reconhecimento nas escolas. Como eu já havia visto a presença do reconhecimento nas leis e documentos educacionais, agora era o momento de continuar esse trabalho. Por isso, se tornou importante investigar a existência do reconhecimento e do multiculturalismo dentro da escola, nas práticas das professoras e dos professores.

No entanto, com a pandemia da COVID-19 ficou impossível a ida nas escolas para entrevistar os professores e realizar a pesquisa de campo. Era necessário, novamente, mudar o projeto. Nessa época, o Prof. Paulo reuniu seus orientandos e ex-orientandos para reativar seu Grupo de Pesquisa, tudo de forma virtual. Como estávamos vivendo um período novo, de incertezas e medos em todos os setores, resolvemos fazer uma série de reuniões com convidados da comunidade. Assim, eles poderiam apresentar o que estavam vivenciando no período pandêmico.

Com as falas dos(as) participantes fui notando que dispúnhamos de um material que poderia ser analisado. Eu conseguia ver nas falas, principalmente das professoras que participaram, uma presença das ideias do reconhecimento de Axel Honneth. Então, juntamente com o meu orientador, decidi continuar com o meu tema de pesquisa, mas voltando-o para o cenário da educação na pandemia.

Então, a análise da pesquisa será feita utilizando as falas das duas professoras que participaram das reuniões do Grupo de Pesquisas - GPECTHUS. A primeira é professora do Ensino Fundamental de uma escola pública, mãe de uma aluna do Ensino Médio também de escola pública e avó de alunos do Ensino Fundamental. A outra é professora do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, da rede pública.

Para essa investigação e análise será usado um referencial teórico baseado no Axel Honneth, um filósofo contemporâneo que busca propor uma teoria social normativa baseada em uma luta por reconhecimento. A teoria do reconhecimento honnethiana se baseia na ideia de que todas as pessoas para construir suas identidades precisam reconhecer a si próprias e, também, serem reconhecidas pelos outros. Quando o indivíduo se reconhece e busca o reconhecimento do outro surge a luta por reconhecimento.

Essa luta é marcada por muitos conflitos, pois o reconhecimento do outro não é dado de maneira fácil. A partir do momento que uma pessoa se encontra privilegiada ela não quer desfazer da sua posição para reconhecer o outro, por isso Honneth reflete sobre os grandes conflitos que envolvem a luta pelo reconhecimento. O reconhecimento acontece em três esferas, a do amor, do direito e da solidariedade. Elas são unidas, uma depende da outra, ao mesmo tempo, são independentes e quando uma pessoa é reconhecida nas esferas ela constrói sua identidade. Mas, para além desse reconhecimento normativo, deve existir, também, um reconhecimento prévio ao conhecimento, quando ele não ocorre todos os sujeitos passam a ser vistos de forma coisificada, é o conceito de reificação.

Assim, a luta por reconhecimento é constante, como veremos em Honneth. Em uma situação inesperada como a pandemia da COVID-19 a educação foi muito afetada, como será mostrado pelas professoras. Afinal, sabemos que existe uma grande desigualdade educacional no país que foi ainda mais escancarada com a pandemia. Veremos nos relatos uma exposição de muitas dificuldades enfrentadas pelas professoras durante o ensino remoto. Dificuldades essas como o acesso delas e dos alunos à internet e equipamentos qualificados, falta de suporte do sistema de ensino, entre outras. Diante desse cenário surgiu o objetivo geral, a necessidade de investigar a presença da luta pelo



reconhecimento durante o ensino remoto causado pela pandemia. Para isso, buscaremos apresentar o que é a teoria do reconhecimento, como o reconhecimento honnethiano aparece nas pesquisas educacionais e analisaremos as falas das professoras com base na teoria do reconhecimento.

Dessa forma, ao cumprir os objetivos, buscarei responder às seguintes questões: as esferas do reconhecimento de Axel Honneth são observadas no discurso de professoras da educação básica frente ao tipo de ensino remoto imposto pela Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, devido à quarentena causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2)? Quais esferas se revelam e quais são negadas?

Foi assim que cheguei a este trabalho. Ele será dividido em seis sessões. A primeira é esta introdução, na qual apresento como cheguei até essa pesquisa e como foi feita. Na segunda, apresentarei quem é o Axel Honneth, a sua teoria do reconhecimento, o que são as esferas, como se dá a luta por reconhecimento e o que é a reificação. Após, mostrarei alguns trabalhos que já foram feitos relacionando o reconhecimento e a educação. Na quarta sessão será exposta a metodologia de análise dos dados, a qual foi baseada na análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin. Essa análise, como veremos, é um conjunto de técnicas que envolvem alguns tipos de análises específicas. Dentre elas, será utilizada a análise categorial. Em seguida, analisaremos as falas das professoras com base na teoria do reconhecimento. E, por fim, concluiremos o trabalho.

Apesar das incertezas que me sondaram durante minha trajetória e do período difícil em que todo o mundo se encontra, enfrentando uma pandemia, não tive dúvidas da importância de contribuir com a minha pesquisa. Que essa dissertação sirva como um de outros tantos exemplos que temos da importância de se fazer pesquisa e ciência no Brasil e no mundo. Ainda mais em períodos sombrios onde a ciência se mostra como luz.

## **2. O reconhecimento em Axel Honneth.**

### **2.1 A teoria do reconhecimento normativo e a luta por reconhecimento.**

O que é reconhecimento? Quando olhamos para a palavra reconhecimento vemos a junção do prefixo RE- com a palavra conhecimento. Então, primeiro é válido apresentar o significado do prefixo RE-, que pode ter três significados: repetição, retrocesso e reforço.

E conhecimento? Conhecimento vem de GN-, uma base Indoeuropeia que gerou o termo *gnosis* (grego), que significa conhecimento. Mas, quando olhamos seu significado no dicionário encontramos os verbetes: “1. Ato ou efeito de conhecer. 2. Ideia, noção. 3. Direito de julgar. 4. Relações entre pessoas não íntimas. 5. Capacidade de conhecer a si próprio. 6. Consciência. 7. Experiência, prática. 8. Recibo (de contribuição paga). 9. Nota de despacho de mercadorias” (RIOS, 2009, p. 131).

Mas, então o que significa reconhecimento? Segundo Rios, reconhecimento é “1. Ato ou efeito de reconhecer. 2. Declaração de notário, afirmando a autenticidade de uma assinatura. 3. Gratidão.” (2009, p. 440). Em relação à sua origem, o site “Origem da palavra” define reconhecimento como um termo vindo do latim *recognoscere*, que significa lembrar, examinar. Ela vem da forma RE- mais *cognoscere*, que vem de *gnoscere* (saber, tornar-se conhecido). Dentro da filosofia, alguns pensadores têm discutido o conceito de reconhecimento ao longo das épocas. Para este trabalho usaremos principalmente as reflexões de Axel Honneth.

Axel Honneth é filósofo da Teoria Crítica (teoria de pensamento inaugurada por Horkheimer e Adorno na década de 1930), membro da terceira geração da Escola de Frankfurt e foi influenciado por Charles Taylor e Hegel, sendo um dos principais pensadores alemães da atualidade. Ele foi inspirado por Habermas em “*Kritik der Macht. Reflexionsstufen einer kritischen Gesellschaftstheorie*” (1993), tem como principal referência tal pensador.

Em seu livro *Luta por reconhecimento: A gramática moral dos conflitos sociais* (HONNETH, 2003), propõe desenvolver os fundamentos de uma teoria social normativa partindo do modelo conceitual hegeliano de uma “luta por reconhecimento”. O filósofo apresenta três esferas de reconhecimento (amor, direito e solidariedade), as quais correspondem a três tipos de desconsiderações e podem influenciar o surgimento de conflitos sociais, como veremos adiante.

Para desenvolver sua Teoria do Reconhecimento, Honneth apresenta a ideia de reconhecimento de Hegel, um dos pensadores no qual se inspira para escrever sua teoria. Georg Wilhelm Friedrich Hegel foi um filósofo alemão moderno pertencente ao chamado Idealismo Alemão. Ele influenciou vários pensadores, entre eles estão Charles Taylor e Honneth. Hegel expõe a luta por reconhecimento intersubjetivo como parte indispensável para que o indivíduo seja um sujeito social livre.

Em sua obra *Fenomenologia do Espírito*, Hegel tentava entender a lógica do reconhecimento. Para ele, o reconhecimento gerava a liberdade e só haveria um se houvesse o outro. Ele fundamenta tal argumento ao dizer que a conquista da liberdade de se autorrealizar se dá pela relação que o “eu” constrói com o outro, conforme:

A consciência-de-si é em si e para si quando e porque é em si e para si para uma Outra; quer dizer, só é como algo reconhecido. O conceito dessa sua unidade em sua duplicação, [ou] da infinitude que se realiza na consciência-de-si, é um entrelaçamento multilateral e polissêmico. Assim seus momentos devem, de uma parte, ser mantidos rigorosamente separados, e de outra parte, nessa diferença, devem ser tomados ao mesmo tempo como não-diferentes, ou seja, devem sempre ser tomados e reconhecidos em sua significação oposta. O duplo sentido do diferente reside na [própria] essência da consciência-de-si: [pois tem a essência] de ser infinita, ou de ser imediatamente o contrário da determinidade na qual foi posta. O desdobramento do conceito dessa unidade espiritual, em sua duplicação, nos apresenta o movimento do reconhecimento (HEGEL, 1992, p. 63).

Assim, em Hegel, o reconhecimento se dá por meio da relação entre a consciência do eu e do outro, pois é nesse encontro que as identidades dos indivíduos se constroem. Pois, a consciência-de-si é independente e dependente ao mesmo tempo, criando uma relação de dominação e escravidão. Para melhor explicar essa relação, Hegel vale-se do exemplo do senhor e do escravo. O senhor, na tentativa de dominar o escravo e de se mostrar como superior, descobre ser dependente do seu domínio frente ao escravo. Ou seja, para Hegel o reconhecimento também é responsável pela identificação da identidade pessoal por meio do reconhecimento de si próprio e do outro.

Na relação entre o senhor e o escravo existe uma assimetria de poder, pois o senhor só é dominador devido à condição de servidão do escravo, é uma relação desigual na qual não existe um reconhecimento verdadeiro. Segundo Hegel, o reconhecimento só é verdadeiro quando a relação social é igual, o que seria de certa forma utópico. “Eu que é Nós, e Nós que é Eu” (HEGEL, 1992, p. 125). Para que isso aconteça, o filósofo acredita que o indivíduo só deve fazer ao outro aquilo que ele deseja para si próprio, como forma de manter um reconhecimento genuíno entre as pessoas, um reconhecimento simétrico.

Na *Fenomenologia do Espírito*, Hegel desvenda a luta por reconhecimento a partir do ideal de uma perfeita reciprocidade das relações intersubjetivas. No entanto, ele acaba centrando em um ideal teórico diferente do que ele apresenta em *Princípios da Filosofia do Direito*, no qual ele se volta ao mundo objetivo de uma sociedade liberal com a tentativa de garantir o reconhecimento pessoal pensando na ideia do reconhecimento social, entre os indivíduos (FLICKINGER, 2008, p. 13).

Em *Princípios da Filosofia do Direito*, Hegel assume e apresenta o seu sistema de eticidade composto por três formas de interação e reprodução social: a família, a sociedade civil e o Estado. Com base nessas três formas é que Honneth apresenta as três esferas do reconhecimento: o amor, o direito e a solidariedade.

No entanto, Honneth quer reformular as estruturas do reconhecimento propostas por Hegel. O modelo de Hegel parte da concepção de que a identidade do “eu” só se efetiva, se constrói, quando dois indivíduos se reconhecem. Porém, Honneth acredita que para uma teoria social normativa esse fundamento não é suficiente, visto que para além desse processo de reconhecimento entre dois indivíduos existe o reconhecimento próprio e a tentativa de fazer-se reconhecido, o que pode resultar em conflitos. Ele também apresenta a necessidade de reconstruir a tese de Hegel com um olhar da psicologia social de George H. Mead.

Em Mead, a ideia de reconhecimento surge como sua tentativa de explicar a formação da mente e linguagem humana a partir de uma teoria comportamentalista. O comportamento e a linguagem humana, conforme Mead, são formados por meio da relação entre o “me” e o “eu”. O “me” seria a parte social da pessoa, o lado dela que tem contato com o mundo, e o “eu” seria a parte observadora e individual. Essas duas partes juntas formam o sujeito e ditam seus comportamentos. Na análise de Bunchafft,

Mead pondera que o ser humano tem a capacidade de produzir em si o sentido que sua ação possui para o outro, sendo tal atributo decorrente dos símbolos significantes. Para expressar tal potencialidade, parte da distinção entre *I* e *Me*. O *I* é a esfera da espontaneidade que propicia a atuação do indivíduo frente à situação social, respondendo à constituição social por meio de impulsos e de respostas originais. Corresponde a um reservatório de energias psíquicas, o domínio das possibilidades inesgotadas de identidade.

O *Me*, por sua vez, é a adoção da atitude dos outros, cujas perspectivas atingem a conduta de cada um. Nas palavras de Honneth, o *Me* descrito pelo autor pragmatista representa *as normas convencionais que o sujeito procura constantemente ampliar por si mesmo, a fim de poder conferir expressão social à impulsividade e criatividade do seu Eu* (Mead, 1980 *apud* Honneth, 2003, p. 141). Mead (1980 *apud* Honneth, 2003) desenvolve uma perspectiva analítica na qual o processo de evolução moral das sociedades prevê uma dialética moral, em que os impulsos espontâneos do *I* reagem às normas

convencionais do *Me*, de forma a suscitar um processo contínuo de expansão das relações de reconhecimento (BUNCHAFFT, 2014, p. 149).

Portanto, com a inclusão da teoria social de Mead, a ideia que o “jovem Hegel traçou em seus escritos de Jena com rudimentos geniais pode se tornar o fio condutor de uma teoria social normativa” (HONNETH, 2003, p. 155). Ou seja, uma teoria social que explica “regras” sociais fundamentais. Assim, reconstruindo a teoria de reconhecimento de Hegel e buscando em Mead uma atualização conceitual, Honneth formulará as três esferas do reconhecimento.

Segundo Honneth, a identidade dos indivíduos se constrói por um processo intersubjetivo mediado pelo reconhecimento. É importante ressaltar que a construção da identidade por meio do reconhecimento é construída quando o sujeito consegue reconhecer a diferença do outro, ou seja, é quando percebe o outro como diferente, mas, ao mesmo tempo, como pessoa que precisa ter sua vida preservada e seus direitos garantidos, assim a identidade pode ser formada. Dessa forma, só ocorre a construção das identidades dos indivíduos quando estes são reconhecidos e aceitos nas relações com o próximo, na convivência em sociedade e nas instituições. Essas três dimensões são as esferas que constituem o reconhecimento por meio do amor, do direito e da solidariedade.

A esfera do amor compreende as relações amorosas, as ligações emotivas fortes entre dois parceiros, amigos ou pais e filhos. Quando o reconhecimento é bem-sucedido nessa esfera o indivíduo se torna autoconfiante. A respeito disso,

Para Hegel, o amor representa a primeira etapa de reconhecimento recíproco, porque em sua efetivação os sujeitos se confirmam mutuamente na natureza concreta de suas carências, reconhecendo-se assim como seres carentes: na experiência recíproca da dedicação amorosa, dois sujeitos se sabem unidos no fato de serem dependentes, em seu estado carencial, do respectivo outro (HONNETH, 2003, p. 160).

Para sustentar seus argumentos sobre a esfera do amor, Honneth apresenta as concepções do psicanalista Donald Winnicott, o qual reflete sobre a relação das crianças pequenas com suas mães e seus processos de socialização. Para ele, com o nascimento do bebê, a relação bebê/mãe passa a ser simbiótica, pois um começa a depender do outro mutualmente, “na satisfação de suas carências”. No entanto, com o desenvolvimento da criança, tanto a mãe quanto a própria criança começam a desenvolver uma independência um do outro, devido ao nível de confiança que lhes é atribuído, promovendo, também, uma certa autonomia tanto para a mãe quanto para a criança. Durante esse percurso, se as relações de independência, autonomia e afeto são recíprocas, então é porque ambos são dependentes do amor um do outro sem se relacionarem de forma simbiótica.

Dessa forma, se o amor da mãe é genuíno e seguro, a criança passa a desenvolver sua própria confiança, o que permite que ela esteja sozinha mesmo dependendo desse amor maternal. “A criança pequena, por se tornar segura do amor materno, alcança uma confiança em si mesma que lhes possibilita estar a sós despreocupadamente”. (HONNETH, 2003, p. 174). É assim que o filósofo alemão utiliza das teorias de Winnicott para mostrar como o amor é uma forma de reconhecimento recíproco. E é nesse reconhecimento da esfera do amor que o indivíduo desenvolve sua autoconfiança, indispensável para sua autonomia e participação na vida pública.

No entanto, toda relação amorosa está ligada à condição de simpatia e atração. Esses sentimentos não se aplicam a outros indivíduos que se encontram fora das relações primárias da pessoa. Por isso, para além da esfera do amor, é preciso que haja uma esfera que estabeleça normas de conduta para as relações sociais, seria a esfera jurídica. São nas relações jurídicas atuais que encontramos meios que motivam as lutas por reconhecimento, como veremos adiante.

Então, o que é esse reconhecimento jurídico? Ele ocorre quando o indivíduo é respeitado por causa de sua propriedade de ser humano. É a capacidade dos sujeitos se respeitarem mutuamente ao reconhecerem que são pessoas de direito. Podemos ver claramente a esfera jurídica na luta dos movimentos sociais e outros grupos na busca constante por terem seus direitos garantidos.

Podemos ver, também, o reconhecimento da esfera jurídica nas leis que foram citadas na introdução desse trabalho, nas quais os direitos de grupos minoritários são garantidos. O que se deve problematizar aqui é que mesmo com esses direitos garantidos por leis, muitas vezes eles não são garantidos na prática, é por isso que surgem as lutas por reconhecimento. Elas são uma tentativa dos grupos minoritários de terem seus clamores atendidos, seus direitos concretizados. A esfera jurídica, então, é aquela que garante um reconhecimento de direitos e deveres na prática e na teoria.

Para o direito, Hegel e Mead perceberam semelhante relação na circunstância de que só podemos chegar a uma compreensão de nós mesmos como portadores de direitos quando possuímos, inversamente, um saber sobre quais obrigações temos de observar em face do respectivo outro: apenas da perspectiva normativa de um "outro generalizado", que já nos ensina a reconhecer os outros membros da coletividade como portadores de direitos, nós podemos nos entender também como pessoa de direito, no sentido de que podemos estar seguros do cumprimento social de algumas de nossas pretensões (HONNETH, 2003, p. 179).

Dessa maneira, só conseguimos reconhecer nossos direitos quando olhamos para o outro e vemos nesse outro as obrigações que ele deve ter. Ou seja, a esfera do direito

diz respeito aos direitos de cidadania. Quando o reconhecimento nessa esfera é bem-sucedido há desenvolvimento do autorrespeito.

Honneth, porém, percebe que além dos afetos (esfera do amor) e dos direitos (esfera jurídica) deve haver uma estima mútua entre os indivíduos devido aos valores partilhados por esses sujeitos, promovendo autoestima nos indivíduos. Seria esta, então, a esfera da solidariedade:

(...) para poderem chegar a uma auto-relação infrangível, os sujeitos humanos precisam ainda, além da experiência da dedicação afetiva e do reconhecimento jurídico, de uma estima social que lhes permita referir-se positivamente a suas propriedades e capacidades concretas (HONNETH, 2003, p. 198).

A esfera da solidariedade diz respeito a uma estima social que é organizada em estamentos, em que as relações assumem um caráter simétrico. A ideia de simétrico aqui é todos os sujeitos poderem ter a chance de considerarem a si próprios como valiosos para a sociedade. Ou seja, dentro de grupos sociais específicos, vai haver entre os membros uma estima mútua, um sentimento de honra que promove esse reconhecimento. Chama-se esfera da solidariedade porque essa estima mútua muitas vezes pode surgir em um momento de resistência comum dentro do grupo, na tentativa de realmente colocar-se no lugar do outro. Assim, quando todos os membros de uma sociedade compartilham de uma estima mútua, então podemos falar em uma solidariedade social.

Para Honneth, o indivíduo precisa experimentar todas as esferas do reconhecimento para conseguir desenvolver sua identidade pessoal e autonomia. No entanto, o reconhecimento não é resultado de uma generosidade gratuita, mas de uma luta. A luta, contudo, é diferente em cada esfera do reconhecimento e se torna mais forte, mas aguerrida, quando o reconhecimento é negado.

Na esfera do amor, o reconhecimento é negado quando existe uma violação da integridade do corpo e quando ele é desrespeitado, por exemplo. Na esfera do direito, por sua vez, a negação ocorre no momento em que os direitos de algum indivíduo ou grupo social são negados e/ou diminuídos. Finalmente, na esfera da solidariedade a negação de reconhecimento resulta da degradação moral e perda da dignidade pessoal. É o que demonstra Honneth:

Portanto, se aqui, na relação jurídica e na comunidade de valores, as finalidades individuais estão abertas em princípio para universalizações sociais, então ali na relação do amor, elas estão encerradas de modo necessário nos limites estreitos de uma relação primária. Dessa delimitação categorial já resulta um primeiro conceito preliminar e rudimentar do que deve ser entendido por luta social no contexto de nossas considerações: trata-se do processo prático no qual experiências individuais de desrespeito são interpretadas como

experiências cruciais típicas de um grupo inteiro, de forma que elas podem influir, como motivos diretores da ação, na exigência coletiva por relações ampliadas de reconhecimento (HONNETH, 2003, p. 256-257).

Uma explicação das esferas do reconhecimento pode ser vista na tabela a seguir.

Tabela 1 – As relações sociais de reconhecimento<sup>1</sup>

Modos de reconhecimento	Dedicação emotiva	Respeito cognitivo	Estima social
Dimensões da personalidade	Natureza carencial e afetiva	Imputabilidade moral	Capacidades e propriedades
Formas de reconhecimento	Relações primárias (amor, amizade)	Relações jurídicas (direitos)	Comunidade de valores (solidariedade)
Potencial evolutivo		Generalização, materialização	Individualização, igualização
Autorrelação prática	Autoconfiança	Autorrespeito	Autoestima
Formas de desrespeito	Maus-tratos e violação	Privação de direitos e exclusão	Degradação e ofensa
Componentes ameaçados da personalidade	Integridade física	Integridade social	“Honra”, dignidade

Fonte: HONNETH, 2003, p. 211.

Porém, é preciso entender que o processo de busca por reconhecimento não é tarefa fácil, e é por isso que surgem os conflitos. A partir do momento que o indivíduo se reconhece como sujeito merecedor de direitos, ele começa a busca pelo reconhecimento do outro para ter seus direitos garantidos. A ideia de reconhecimento é um movimento intersubjetivo e social, pois, ao mesmo tempo, é necessário que o indivíduo tenha consciência de si e enxergue o outro como merecedor de seu reconhecimento. É nesse movimento de se reconhecer e reconhecer o outro que a sua identidade é formada. Contudo, Honneth adverte:

<sup>1</sup> A tabela foi retirada da obra *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*, do autor Axel Honneth (2003), p. 211.



[...] se tentamos apreender o processo de surgimento de lutas sociais dessa maneira, elas têm a ver com a experiência do reconhecimento não só no aspecto mencionado: a resistência coletiva, procedente da interpretação socialmente crítica dos sentimentos de desrespeito partilhados em comum, não é apenas um meio prático de reclamar para o futuro padrões ampliados de reconhecimento. Como mostram as reflexões filosóficas, a par das fontes literárias e da história social, o engajamento nas ações políticas possui para os envolvidos também a função direta de arrancá-los da situação paralisante do rebaixamento passivamente tolerado e de lhes proporcionar, por conseguinte, uma auto-relação nova e positiva. A razão dessa motivação secundária da luta está ligada à própria estrutura da experiência de desrespeito (HONNETH, 2003, p. 259).

Assim, o indivíduo ao começar a ter consciência de si, ao se reconhecer, ele busca a garantia de seus direitos. Para isso, ele precisa que o outro, o que detém o poder, tenha consciência da situação e passe a reconhecê-lo. Porém, na maioria das vezes, esse movimento de busca por reconhecimento é marcado por conflitos e luta, pois o dominador não quer desfazer dos seus privilégios.

É importante destacar que durante toda a reflexão honnethiana sobre reconhecimento normativo e a luta por reconhecimento, o que está no centro de toda a discussão são os conflitos sociais. As esferas do reconhecimento, como vimos, contêm um tipo de tensão que podem causar esses conflitos provocando a luta por reconhecimento. No entanto, se colocamos esses conflitos, essa luta por reconhecimento, como sociais é porque nos processos individuais de busca de reconhecimento não vai haver conflitos a ponto deles se tornarem uma luta de movimentos e/ou grupos sociais.

Dessa forma, a esfera do amor, mesmo que ela possa causar uma luta interna e externa da busca do reconhecimento recíproco nas relações primárias, ela não é suficiente para causar o desenvolvimento de uma luta por reconhecimento. Esses conflitos sociais, essa luta por reconhecimento vai acontecer no cerne das esferas do direito e da solidariedade, pois elas dependem do convívio social, do reconhecimento do outro em categorias que pode se tornar interesses públicos.

Essa luta social que busca reconhecimento e guiada por conflitos é movida por experiências individuais de desrespeitos que acabam por serem características de um grupo, o que acaba por causar na exigência do reconhecimento coletivo. É o caso, por exemplo, dos movimentos sociais feministas e negros, as situações de desrespeitos acontecem individualmente com cada mulher ou com cada negro, mas todos eles sofrem por características comuns e é isso que move a busca pela garantia de seus direitos, ou seja, a luta pelo reconhecimento coletivo do grupo.

A luta por reconhecimento é, então, uma luta social formada por grupos ou movimentos sociais em busca do reconhecimento. Ela engloba o pensar, ou seja, todas as

ideias que fundamentam a luta, e a ação, a busca por esse reconhecimento por meio de práticas sociais. Mas, diferente da luta, o anseio, que veremos presente nos depoimentos das professoras, pode ser compreendido como um desejo ou uma vontade intensa por algo. Ele também pode significar uma ansiedade, aflição e angústia, como é definido pelo dicionário online “Dicio”. Assim, entendemos que o anseio por ser uma aflição e/ou um desejo por algo pode preceder a luta por reconhecimento. A luta surge com a vontade incessante e a angústia pelo reconhecimento do outro, ou seja, o anseio de ser reconhecido.

Conseguimos ver a importância da luta por reconhecimento nos dias atuais quando olhamos para os movimentos sociais e políticos compostos por negros, mulheres, LGBTQIA+, indivíduos com necessidades especiais e em situação de desvantagem econômica ou social. Todos esses grupos procuram uma forma de terem seus direitos garantidos e serem ouvidos. Um exemplo dessa luta é a política de cotas para negros e pardos. Os negros, mesmo sendo maioria na sociedade, sempre foram minoria no Ensino Superior. A política de cotas foi e é uma ação necessária para garantir o reparo da desigualdade social desse grupo em relação aos brancos. Segundo o IBGE, por meio dos resultados de uma pesquisa anunciada em novembro de 2019, no ano de 2018 os negros foram a maioria dentro das universidades públicas pela primeira vez, representando um total de 50,3% (somando negros e pardos).

Essa pesquisa possui várias ressalvas. Porém, nossa intenção é apenas mostrar como a política de cotas se mostra como uma ferramenta no processo de luta por reconhecimento. Em Honneth, a nosso ver, a discussão acerca da luta por reconhecimento encontra um apoio teórico para esses grupos realizarem suas lutas.

## **2.2. O esquecimento do reconhecimento: a reificação**

Honneth, no seu pequeno livro *Reificação: um estudo da teoria do reconhecimento*, busca atualizar o conceito de reificação, que é muito importante para a história da Teoria Crítica. Para que isso seja feito, o filósofo utiliza a teoria de Georg Lukács, pois foi ele quem discutiu sobre reificação a partir das reflexões marxistas.

Ao questionar o conceito de reificação em Lukács, Honneth utiliza a obra *História e Consciência de Classe*, mas ao propor a reificação como o esquecimento do reconhecimento ele se aproxima muito da teoria heideggeriana e sua ideia de “cuidado”, ao mesmo tempo em que se envolve com as abordagens teóricas de Dewey no que tange ao conceito de “envolvimento”. É assim que ao reatualizar o conceito de reificação em

Lukács, Honneth passa a envolver tal categoria num espaço ontológico, no qual ela é apreendida antes do próprio conhecimento.

Dessa forma, em Lukács a reificação é vista como resultado de um “fetichismo de mercadorias”, ou seja, de uma constante troca de mercadorias provocadas pelo capitalismo em que os indivíduos acabam se tornando objetos diante dos outros. Foi a partir desse pensador que o conceito de reificação foi se desenvolvendo marcado por um ideal de racionalização e generalização. Sobre isso, Honneth aponta:

Enquanto causa social para a perpetuação e propagação da reificação, Lukács admite somente a ampliação da troca de mercadorias, que se tornou o modo dominante de ação intersubjetiva com o estabelecimento das sociedades capitalistas; tão logo os sujeitos começam a regular suas relações com seus próximos primariamente por meio da troca de mercadorias equivalentes, eles são obrigados a se pôr em relação reificante com seu mundo circundante; pois não podem mais deixar de perceber os elementos de uma dada situação unicamente do ponto de vista do benefício que poderiam obter em prol de seu próprio cálculo utilitário egocêntrico. (HONNETH, 2018, p. 32).

A Teoria Crítica, com seus principais pensadores: Horkheimer, Adorno e Habermas, também identificaram em suas teorias um conceito de reificação que foi trazido por Lukács, mas se tornou cada vez mais amplo devido aos processos sociais em que as sociedades das épocas se encontravam.

Para Honneth, a Teoria Crítica ainda possui o cargo de compreender e pensar sobre a ideia de reificação e as formas de dominação sociais na sociedade contemporânea. É por isso, que o filósofo busca a atualização desse conceito, pois ele precisa avançar e modificar junto com a sociedade e seus fenômenos. Para isso, ele acredita que é necessário “abandonar” a ideia de racionalização ligada ao conceito da reificação, que foi central em Lukács e na sua posterioridade. A partir disso, Honneth questiona se ainda podemos pensar em reificação nos dias de hoje.

Retomando Lukács, o conceito de reificação para ele é aliado às muitas formas de reificação: na troca de mercadorias os sujeitos percebem os objetos apenas como coisas de valor, o outro sujeito é visto como um objeto que faz a troca e as próprias capacidades do sujeito são vistas, por ele próprio, como recursos apenas para essa troca de mercadorias. Dessa forma, todo o mundo objetivo, subjetivo e intersubjetivo é reificado por ser tratado como coisas.

Como foi apresentado, Lukács se baseia no ideal marxista do “fetichismo de mercadorias”, mas além dessa influência ele também faz referência a Max Weber, ao tornar seu conceito de reificação aliado à racionalização. É com a ajuda de Weber que Lukács chega ao centro do seu estudo, apresentando a reificação como uma “segunda

natureza” dos seres humanos no capitalismo. “Para todos os sujeitos que participam na forma de vida capitalista, tem de se tornar um costume habitual o fato de perceberem a si próprios e o mundo circundante segundo o esquema dos objetos meramente reificados”. (HONNETH, 2018, p. 34).

Honneth mostra como Lukács atribui o conceito de coisa a todos os fenômenos ligados aos sujeitos e ao mundo circundante no momento de transações econômicas, tornando presente a reificação. Mas, e fora da economia? Como é possível explicar a reificação? Para o filósofo alemão, não é suficiente considerar a reificação como uma “segunda natureza” humana justificando apenas as ações diante das trocas de mercadorias. É problemático pensar a reificação apenas como resultado da troca de mercadorias, e nas outras esferas sociais? Nos outros fenômenos? Por isso, surge a necessidade de atualizar e reformular o conceito de reificação em Lukács, segundo Honneth.

Assim, para fazer essa atualização do conceito de reificação, ele enriquece seus argumentos com as ideias desenvolvidas por Dewey, Heidegger e Stanley Cavell, apontando afinidades, mas também diferenças, entre as teorias desses pensadores e a desenvolvida por Lukács.

Em relação à Heidegger, sua teoria se aproxima com a de Lukács porque ambos questionam e criticam a filosofia moderna como condutora do dualismo sujeito-objeto, o que caracteriza uma forma neutra do sujeito olhar o mundo circundante. Para Heidegger, o “cuidado” seria o conceito que refuta a relação sujeito-objeto, da mesma forma que para Lukács isso se daria por meio de uma *práxis* engajada. Pois, em ambos os casos o sujeito não se colocaria mais de forma neutra diante da sua realidade. O ponto que os dois divergem, nesse caso, é que, para Lukács, a reificação causada pelo capitalismo destruiu toda possibilidade de existir uma *práxis* engajada. Dessa forma, para ele, ao contrário de Heidegger, a reificação só seria anulada com a superação do capitalismo. Mas, é importante destacar que Lukács, em parte de seus escritos, apoiando-se em Fichte, não deixa claro que a reificação já eliminou todas as formas de *práxis* engajadas.

Apoiando-se especialmente em Fichte, Lukács procura mostrar nesses trechos que a superação das relações reificadas pode ser pensada somente como um ato em que a classe trabalhadora se torna consciente de suas atividades de produção implementadas sempre de maneira factual: exatamente porque o proletariado leva uma existência profundamente humilhante e coisificada – tal é o argumento dialético –, nele tem de advir, como que por uma virada espontânea, a consciência de que “os objetos sociais não são coisas, mas relações entre os homens”. (HONNETH, 2018, p. 47).

Dessa forma, Honneth propõe justificar que o conceito de “cuidado” heideggeriano possui um primado não apenas ontogenético, por isso ele tenta substituir esse conceito pela ideia de “reconhecimento” hegeliano. “Por essa via, parece-me possível fundamentar a tese de que, na autorrelação humana e na relação humana com o mundo, uma postura zelosa, que visa o reconhecimento, precede tanto ontogenética quando categorialmente as outras atitudes.” (HONNETH, 2018, p. 54).

Mas, voltando à atualização do conceito de reificação em Lukács, Honneth apresenta uma aproximação do pensador com Heidegger e Dewey. Para ele, a apreensão da realidade está ligada às experiências que os sujeitos passam em que é possível adotar uma “perspectiva do engajamento interessado”. Essa reflexão permite que o conceito de “cuidado” passe a se tornar “reconhecimento”, ao mesmo tempo que permite apresentar o primado desse reconhecimento diante do conhecimento.

O que Honneth chama de “reconhecimento” é um apreço, um afeto pelos significados que as pessoas e as coisas possuem para a nossa realidade, para o mundo circundante dos sujeitos. Dessa forma, o reconhecimento compartilha das concepções de “engajamento prático” de Dewey, “cuidado” de Heidegger e “engajamento” de Lukács, quando levamos em conta a utilização desses conceitos diante da experiência de vivenciar o mundo. Ao relacionarmos com um mundo não adotamos uma postura neutra, mas uma postura afetuosa, que é esse reconhecimento. Apresentando, então, um conceito de reconhecimento, Honneth propõe mostrar qual é o primado desse reconhecimento, que é “tanto ontogenético quando conceitual em relação ao conhecimento”. (HONNETH, 2018, p. 60).

Para Honneth, então, é necessário compreender a reificação de outra forma, diferente daquela apresentada por Lukács. Para ele, na medida em que diante do conhecimento os sujeitos percam ou deixem de lado uma atitude de reconhecimento acaba-se por perceber o mundo social como meras coisas/meros objetos. Ou seja, essa falta de reconhecimento é a falta de uma sensibilidade, de um afeto, de um vínculo com aquele que foi percebido. Assim, a reificação é o esquecimento do reconhecimento, pois diante de qualquer tipo de conhecimento é necessário um reconhecimento prévio, quando isso não acontece surge a reificação. A reificação, segundo Honneth, seria um atentado contra as práticas necessárias para se manter um mundo social.

Mas, é também possível pensarmos em uma reificação da natureza. Para isso, Honneth se baseia em Adorno e em como esse filósofo estava convencido de que o reconhecimento é também destinado a objetos e coisas. Para ele, era necessário respeitar

esses objetos e essas coisas levando em conta as características e significados que eles possuíam para as outras pessoas. Dessa forma, Honneth acredita que o reconhecimento do outro também deve abranger os objetos e coisas que essa outra pessoa possui como significativos(as).

A reificação dos seres humanos significa, como já disse anteriormente, perder de vista ou mesmo recusar o fato do reconhecimento prévio; poderíamos acrescentar com Adorno que tal reconhecimento prévio também exige respeitar nos objetos todos os aspectos significativos que os seres humanos lhes emprestaram. Mas, se isso é assim, se temos de reconhecer igualmente as representações e sentimentos subjetivos de objetos não humanos ao reconhecermos pessoas, então podemos falar também de uma potencial “reificação” da natureza: no processo do conhecimento dos objetos, passamos a não dar atenção a todos os aspectos significativos adicionais que lhes foram atribuídos na perspectiva dos outros seres humanos. (HONNETH, 2018, p. 95).

Parece ter ficado claro que Honneth acredita em uma reificação direta apenas aos outros seres humanos, enquanto a reificação da natureza ocorre de forma indireta, quando os objetos ou as coisas possuem uma relação com alguma pessoa. Essa reificação da natureza seria, então, não reconhecer os significados diversos que um objeto ou uma coisa possui para o indivíduo que foi reconhecido de maneira prévia. Dessa forma, Honneth explica que essa reificação da natureza não é direta porque ela não causa uma violação prática ao nosso mundo social, esse tipo de violação só ocorre quando adotamos posturas reificantes diante de outros indivíduos.

Lukács ao apontar seu conceito de reificação não falou apenas da reificação no mundo subjetivo (entre pessoas) e no mundo objetivo (natureza), mas também de uma autorreificação, ou seja, quando o sujeito adota uma postura apenas contemplativa diante das suas vivências internas, dos seus pensamentos e sentimentos. Então, Honneth procura investigar a possibilidade de um reconhecimento prévio de si próprio.

Buscando ainda referências nas teorias de Donald Winnicott, Aristóteles e Peter Bieri, Honneth procura apontar uma ideia de boa autorrelação que afastaria a autorreificação. Pare ele, nas referências levantadas existem alguns problemas, pois sua visão é de que não se pode pensar uma autorrelação enquanto uma assimilação racional dos estados mentais. A autorrelação é, então, a possibilidade do sujeito de afirmar previamente que suas próprias vivências, seus sentimentos e pensamentos são importantes e precisam ser valorizados(as).

Ao propor um conceito para a autorrelação, Honneth busca, também, se afastar de teorias cognitivistas e construtivistas que apontam como rígidas e fixas as relações dos sujeitos com seus estados mentais e que esses “estados mentais são considerados algo a ser

produzido, cujo caráter ele pode dispor conforme a situação existente”. (HONNETH, 2018, p. 111). Dessa forma, ao falarmos de autorrelação é necessário que reconheçamos previamente os nossos estados mentais, nossos sentimentos e pensamentos. Quando isso não ocorre estamos diante de um caso de autorreificação. Ela é, então, o esquecimento do reconhecimento próprio.

Ao reatualizar o conceito de reificação, Honneth se propõe a apresentar como ela pode ocorrer. Em Lukács, como foi apresentado, a reificação aparece durante o capitalismo, quando os sujeitos interagem entre si na forma de troca de mercadorias, percebendo os sujeitos como coisas a serem trocadas e, conseqüentemente, se relacionando com o mundo circundante apenas como observadores. Lukács se fecha no núcleo do capitalismo e não consegue observar outras manifestações da reificação na sociedade, para além da gerada pela troca de mercadorias.

Porém, Honneth vai problematizar se apenas no capitalismo e na relação da troca de mercadorias é que poderá existir a reificação. Afinal, se a reificação é o esquecimento do reconhecimento, todas as práticas sociais que causam esse esquecimento produzem reificação. As causas da reificação e da autorreificação podem ser diferentes, visto que a primeira se refere às outras pessoas e a segunda a si próprio. Mas, como elas acontecem, então?

A reificação vai acontecer quando os seres humanos esquecerem de reconhecer previamente o outro devido à uma *práxis* específica ou seguindo alguma forma de ideologia específica. Alguns exemplos apontados por Honneth são o racismo, o sexismo e outros tipos de preconceitos. Um grande exemplo de reificação foi a Segunda Guerra Mundial, na qual uma enorme quantidade de pessoas seguia uma ideologia que ia contra a vida dos judeus. Durante as guerras os inimigos deixam de se importar até com as pessoas não participantes (as mulheres, idosos, crianças) e acabam vendo essas pessoas como coisas, como insignificantes, o que acarreta violação e morte de indivíduos. Segundo o filósofo, nesses casos, há algo a mais que ódio, indiferença e inimizade, existe a reificação. Outros casos de reificação que ele cita são a escravidão e o comércio sexual.

A autorreificação é causada quando existe um esquecimento prévio do próprio reconhecimento, ou seja, quando colocamos nossos estados mentais, nossos pensamentos e sentimentos como objetos. Ela pode ser vista em entrevistas de emprego, alguns tipos de prestações de serviço e sites de namoro.

Ora, suponho que a tendência à autorreificação individual aumenta quanto mais fortemente aos sujeitos são incluídos nas instituições que coagem à

autoapresentação, as quais, em última instância, possuiriam as seguintes características: todos os arranjos institucionais que coagem de forma latente os indivíduos a meramente dissimular ou fixar conclusivamente determinados sentimentos estimulam a disposição para a formação de comportamentos autorreificadores. (HONNETH, 2018, p. 126).

Honneth queria, na sua exposição, na sua tentativa de reatualizar o conceito de reificação e colocá-lo como esquecimento do reconhecimento, que suas reflexões não se afastassem do que ele já havia exposto, em outras obras, como sua teoria do reconhecimento. Mas, esse reconhecimento prévio, que evita a reificação, não é o mesmo reconhecimento normativo que rege as esferas do reconhecimento. O reconhecimento elementar vem primeiro para que haja um reconhecimento do sujeito com o outro para depois se adotar as medidas do reconhecimento normativo.

No reconhecimento normativo, a sua violação ou a sua falta, é que gera os conflitos. E, a constante luta pelo reconhecimento não é caracterizada como reificação. Na reificação, o esquecimento do reconhecimento faz com que o sujeito não enxergue o outro nem como pessoa, apenas como um objeto. Na luta por reconhecimento, o sujeito quer ser enxergado pelo outro como pessoa, como seu próximo, mesmo que não o reconheça.

Também é possível dizer que os sujeitos podem tomar medidas moralmente legítimas para ampliar essa moral do reconhecimento segundo os princípios a ela subjacentes; neste caso, estamos na presença de uma luta por reconhecimento que está voltada para a exigência da reserva de conteúdo de uma norma de reconhecimento (Honneth, 2003). Mas, todos esses casos não tangem o fenômeno a ser designado com o conceito de “reificação” (em sentido literal); pois com ele tem-se em mente a situação socialmente improvável de que um sujeito não simplesmente fere normas válidas de reconhecimento, mas atenta contra a própria condição que as antecede ao não reconhecer nem tratar o outro sequer como “próximo” (*Mitmenschen*). (HONNETH, 2008, p. 74-75).

Com o conceito de Lukács, pode-se concluir a partir da reificação, que ela se dá quando o sujeito nega ou esquece o reconhecimento prévio por participar constantemente de uma *práxis* que vê como necessária a abstração das características das outras pessoas.

Algo válido de ressaltar é que a postura reificante não acontece de uma hora para outra, é preciso tratar o outro como objeto, esquecer do reconhecimento, de forma rotineira, até se tornar um hábito perceber o outro como uma coisa e se portar de maneira reificada. Dessa forma, ele só vai existir quando a socialização entre as pessoas, entre os grupos, for nula.

A reificação faz com que os indivíduos se tornem observadores passivos, que apenas contemplam de forma neutra e indiferente todo o mundo circundante, seja ele



social ou físico e, também, a si próprio. Tudo se tornam coisas. A contemplação é a atitude de observar algo de forma neutra, passiva, ao mesmo tempo que a indiferença é quando os sujeitos não se afetam pelos acontecimentos que o cercam. Todas as relações sociais, com si próprio e com o mundo são tidas, então, de forma neutra, colocando tudo ao redor de forma coisificada. Isso acontece porque não existe um reconhecimento prévio, ou seja, há um esquecimento do reconhecimento.

Dalbosco (2011) acredita que a reificação deve ser considerada uma preocupação para o campo educacional e a sua reatualização depende de um debate entre ela e o reconhecimento. Pois, para ele, a desfiguração da *práxis* humana no campo educacional promove uma intensa mercantilização do ensino, tornando a educação uma grande vítima desse processo. O autor apresenta um encontro entre reificação, reconhecimento e educação quando levamos em conta a *práxis* humana. Ou seja, a educação, sempre mediada por mais de uma pessoa, é umas das formas mais genuínas de *práxis* humana. Quando Honneth afirma que a reificação é dada em uma *práxis* contínua e a desvaloriza como troca de mercadorias, como proposto por Lukács, ele cai em um erro. Pois, o filósofo alemão não leva em conta como as questões econômicas podem desempenhar influências na *práxis* humana rotineira.

Vemos, nas últimas décadas, como o processo educacional se tornou uma mercadoria comandada pelas maiores empresas educacionais do mundo. Isso coloca a educação como um processo reificado, pois existiu um esquecimento do reconhecimento da forma genuína de interações e formações que envolvem a educação.

Ao mesmo tempo, é importante frisar a contribuição do conceito de reconhecimento prévio honnethiano para a educação, visto que ele é o que constitui as relações entre os agentes educacionais, sejam professores, alunos ou outros funcionários das escolas e instituições de ensino. A educação, parece-nos, então, uma constante crítica ao processo de reificação, porque ela depende, na sua forma genuína, desse reconhecimento prévio, desse afeto entre as pessoas, do ver o outro e a si mesmo como humano. Mas, ela também depende do reconhecimento normativo, do reconhecimento nas esferas sociais. A educação é a lembrança constante do que é humano.

### 3. As aplicações da teoria do reconhecimento na educação

Para pensarmos o reconhecimento na educação é necessário apresentarmos como esse conceito vem sendo tratado e discutido no campo educacional. Porém, antes de investigarmos como a Teoria do Reconhecimento honnethiana tem sido tratada no campo da Educação, é necessário apresentarmos o que o próprio autor nos diz sobre essa área. Em *Educação e esfera pública democrática*, Axel Honneth (2013) discute a relação entre a educação e o governo republicano democrático.

Para o filósofo, a partir de Kant, os teóricos clássicos da filosofia política (Rousseau, Dewey e Durkheim) estavam convencidos de que uma boa educação e o estado republicano democrático dependiam um do outro. Mas, Honneth vê hoje uma ruptura entre a educação e a política democrática. Por isso, ele acredita ser importante entender essa relação.

Segundo Honneth e baseado nos autores citados, é necessário que o ser humano passe por um processo de educação libertadora para se tornar membro de uma sociedade que governe a si mesma. Da mesma forma, apenas cidadãos e cidadãs autônomas podem tornar a educação pública um meio para que seus filhos atinjam a liberdade e a maioria política. Assim, é extremamente necessária uma ligação entre a política e a educação, “porque ambas explicam pressupostos de uma coletividade democrática que não poderiam existir independentemente um do outro” (Ibid., p. 546).

Com a separação de uma política democrática e a educação, o ensino tornou-se mecanicista, ou seja, contribui de forma submissa com as autoridades sociais e age se conformando com o que é proposto, deixando de lado a capacidade de propor uma educação libertadora. Honneth percebe que com a ruptura da democracia e da educação, a filosofia política também passou a dar pouca atenção à educação pública. Com isso, o filósofo menciona duas fontes teóricas que ajudaram no desligamento entre democracia e educação.

A primeira razão é a tese do pensador Böckenförde. Segundo Honneth, tal tese estabelece que atitudes democráticas não são adquiridas na educação pública, mas com vivência e influência de comunidades tradicionais e religiosas. A outra razão é o imperativo de neutralidade estatal. O filósofo acredita que a neutralidade política se dá pelas convicções éticas da maioria. O que reflete na educação por meio de professores que não podem mais servir a um estado democrático de direito, mas passam a servir os pais. “Nesse sentido, o conflito em torno do sistema escolar estatal, independentemente

de ele dizer respeito à sua estruturação, aos currículos ou aos métodos empregados, sempre é também uma luta pela viabilidade das democracias para o futuro” (p. 552).

Por fim, Honneth chama atenção para dois desafios que a educação e a democracia devem enfrentar juntas para que o elo das duas seja restaurado. O primeiro é o impacto da revolução digital. Para Honneth, não há dúvidas que as novas mídias vieram para revolucionar todos os setores sociais, e não seria diferente com a política. Por isso, para o filósofo é tarefa da escola trabalhar de forma transversal o uso das novas mídias, com seus limites e ameaças.

Ao refletir sobre o uso das mídias na educação podemos ver sua nítida importância durante o ensino remoto causado pela pandemia da COVID-19. Foi com o uso das tecnologias (celulares, computadores e internet) que a maioria dos professores e seus alunos conseguiram manter as aulas durante o período do ensino remoto nos anos de 2020 e 2021.

Outro desafio é a crescente heterogeneidade da população, que também deve ser trabalhada de maneira transversal na escola, levando em consideração o multiculturalismo. As diferenças culturais podem e devem ser compreendidas também como formas de enriquecimento mútuo. É por isso que, para Honneth, os alunos e as alunas devem se apropriar das disciplinas escolares (geografia, história, literatura) de forma descentralizada, entendendo o mundo e todas as suas mudanças.

Em relação às produções que tratam da relação entre Honneth e a educação, a maioria dos trabalhos encontrados não saem do campo teórico, como veremos a seguir. Em *A teoria do reconhecimento na práxis pedagógica: a exemplo de conflitos entre diretrizes ético-morais* (FLICKINGER, 2011), o autor propõe mostrar a contribuição de sua teoria para a *práxis* educativa.

A teoria do reconhecimento, segundo o autor, tem grande influência nas ciências sociais, pois elas visam uma sociedade justa e solidária. No entanto, a teoria de Honneth não encontrou muito lugar na pedagogia (FLICKINGER, 2011, p. 221). Por isso, o autor considera importante defender e mostrar sua possível contribuição para a área pedagógica.

Primeiramente, Flickinger apresenta de forma breve a teoria do reconhecimento de Honneth para situar os leitores do que ela trata e como pode contribuir para a educação. Em seguida, são apresentados alguns exemplos de conflitos ético-morais no campo educacional, relacionados aos três ambientes normativos educacionais: o processo de socialização, a profissionalização dos educadores e a racionalidade institucional.

O primeiro ambiente, o processo de socialização, é um processo que constrói a rede social tanto de educadores quanto de educandos e é por meio dele que se formam as convicções (crenças) ético-morais. No entanto, na relação entre os educandos e educadores surgem divergências devido às diferentes construções sociais. É nesse momento que, segundo o autor, a teoria do reconhecimento pode ser utilizada, para que haja um olhar sob o Outro.

O segundo ambiente é a formação e atuação dos profissionais da educação. As normas sob as quais esses profissionais são submissos e criam obrigações que podem ir contra as crenças pessoais. Por isso, a luta pelo reconhecimento pode ser usada como um meio de combater as incertezas dentro desse ambiente.

E, o outro ambiente são as instituições educativas. Algumas dessas instituições, segundo o autor, possuem vínculos com religiões e organizações filantrópicas que influenciam o trabalho pedagógico. Esse complexo de divergências pode acabar deslocando as responsabilidades ético-morais de um indivíduo para outro, podendo causar vantagens pessoais.

Dessa maneira, Flickinger defende que para resolver as incompatibilidades ético-morais no processo educativo é preciso usar a teoria do reconhecimento. Pois, para ele, é por meio do reconhecimento que os agentes educativos terão autonomia e autoestima pessoais, o que estabelecerá relações justas e solidárias (FLICKINGER, 2011, p. 230). Ou seja, o processo educacional deve ser visto por todos como um processo de experiência social no qual é necessário que haja o reconhecimento dos outros sujeitos, com suas experiências e singularidades.

Outro trabalho que relaciona a educação com o reconhecimento é *Inclusão, reconhecimento e políticas educacionais no Brasil*, de Maria de Lourdes Pinto de Almeida e Sidney Reinaldo da Silva (2012). Nesse trabalho, os autores buscam analisar o significado de diversidade em políticas públicas brasileiras, em especial no Documento Final da CONEB – Conferência Nacional da Educação Básica de 2008, propondo uma relação com a teoria do reconhecimento em seu caráter normativo. Segundo os autores, a democracia tem se estabelecido como pluralista. Por isso, é importante compreender essa afirmação e abordar a inclusão e o direito à diversidade como políticas públicas educacionais. Além disso, a inclusão, que sempre foi referência para a educação especial, passou a abranger outras formas de política.

Almeida e Silva partem da apresentação da teoria do reconhecimento proposta pelo Axel Honneth, com suas ideias principais, para então analisarem as políticas de

diversidade no Brasil. Eles apresentam alguns dados sobre o aparecimento de algumas políticas educacionais de diversidade ao longo do governo de Fernando Henrique Cardoso - FHC.

São destacáveis, inicialmente, as seguintes políticas da diversidade: a incorporação da pluralidade cultural nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs); a definição na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - lei no 9.394/96 de um capítulo específico para tratar da educação especial; artigos voltados para a educação indígena e a definição do Dia da Consciência Negra, o 20 de novembro; capítulos especiais sobre a educação indígena foram inseridos também no Plano Nacional de Educação de 2001-2010. Destaque especial cabe à lei no 11.645 de 2008 – alteração da lei no 9.394 de 1996, modificada pela lei no 10.639, de 2003 – que tornou obrigatório nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, “o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena”. Destaca-se também a criação da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad) e da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), bem como o estabelecimento do Estatuto da Igualdade Racial. (ALMEIDA; SILVA, 2012, p. 305).

Depois do governo FHC houve um novo crescimento das políticas de diversidade no governo de Luís Inácio Lula da Silva. No entanto, é preciso destacar que a iniciativa de criar essas políticas de diversidade foi um processo lento em relação à grande discriminação dos grupos sociais minoritários do país.

Um dado interessante é que o Documento Final da CONEB fala de reconhecimento sem definir o conceito.

A luta por reconhecimento aí significa então um conflito de interesses em torno da diversidade e de seu direito. Fala-se que “para avançar na discussão, é importante compreender que a luta pelo reconhecimento e o direito à diversidade não são opostas a luta para superar as desigualdades sociais” (BRASIL, 2008, p. 65). Contudo, há uma preocupação maior em associar as políticas de diversidade com a inclusão e não com a redistribuição (ALMEIDA; SILVA, 2012, p. 306).

O grande avanço dessas políticas de diversidade deve, sobretudo, à busca pelo reconhecimento dos grupos sociais compostos por minorias. Essa luta pelo reconhecimento quer superar as condições de inferioridade que as minorias se encontram na sociedade. Os autores, em um outro momento, mostram como o reconhecimento está presente de alguma forma em políticas educacionais públicas. “[...] a CONEB quer ser também a “voz” dos movimentos sociais pelo acesso à universidade, pela superação do racismo, da discriminação racial, de gênero e de orientação sexual e em defesa do direito à educação e à diversidade” (ALMEIDA; SILVA, 2012, p. 309).

Por fim, apesar dessas políticas de diversidade serem um grande passo para o reconhecimento, como têm sido tratadas na realidade? Como as minorias têm percebido o espaço educativo a partir dessas leis? Houve reconhecimento efetivo?

Há, portanto, o risco de o reconhecimento ser apenas ideológico, não chegando a constituir uma “condição intersubjetiva para se poder realizar de maneira autônoma os objetivos pessoais” (HONNETH, 2008, 254). É preciso ver até que ponto a vida cotidiana das “minorias” tem sido transformada, em relação ao trabalho, à violência, à participação e à formação. O reconhecimento não é apenas uma questão normativa e/ou simbólica, ele exige justiça substantiva: “Alguma coisa no mundo físico dos fatos institucionais ou maneiras de se comportar deve mudar para que o destinatário possa ser efetivamente convencido de ser reconhecido de uma nova maneira” (HONNETH, 2008, p. 272). Caso contrário, afirma ainda Honneth, políticas de diferenças podem constituir apenas sujeitos adequados ao sistema, contribuindo para a manutenção da dominação social (HONNETH, 2008, p. 247). Assim, é preciso ir além das estatísticas para se avaliar a qualidade social da educação e das políticas de inclusão que a perpassa (ALMEIDA; SILVA, 2012, p. 311).

Outro artigo que menciona a relação entre a teoria do reconhecimento e as políticas educacionais é *A educação como pressupostos para o exercício da cidadania: políticas públicas, inclusão e individuação na Teoria do Reconhecimento de Axel Honneth*, de Matheus de Oliveira Guimarães e Aline Nunes Viana (2017). O objetivo dos autores é problematizar a educação como meio necessário para o exercício da cidadania das pessoas com necessidades educacionais especiais a partir das políticas educacionais inclusivas e do olhar da teoria do reconhecimento honnethiana.

O motivo desse trabalho, segundo os autores, se deu devido ao aumento significativo das políticas públicas inclusivas. Como os próprios autores afirmam:

É sabido que as políticas públicas que visam à inclusão das pessoas com necessidades educacionais específicas vêm se expandindo de forma significativa (sobretudo desde a segunda metade do Século XX, sob forte influência das declarações internacionais em defesa dos direitos do homem à educação). Como consequência direta desse movimento, a inclusão passou a ocupar espaços mais significativos na legislação pátria (GUIMARÃES; VIANA, 2017, p. 16).

Dessa maneira, surgiu a necessidade de investigar o que acontece no ambiente escolar a partir desse resguardo legal que obriga a matrícula das pessoas com necessidades especiais nas escolas regulares, provocando mudanças significativas nesse ambiente. Primeiramente, a pesquisa se inicia com a discussão acerca do conceito de cidadão, apresentando-o sob a perspectiva de vários pensadores. Para chegar à discussão central da pesquisa, segundo os autores, era necessário entender o que é ser cidadão e quais direitos possui.

Assim, recorre-se à educação para responder os questionamentos e investigam como a cidadania está garantida nas leis. Fica claro que a educação é de grande importância na construção da cidadania. Por isso, também, a importância de a educação ser um direito de todas as pessoas e ser garantida por lei. Contudo, é necessário investigar

como esse direito de cidadania é garantido para as pessoas com necessidades especiais e a efetividade das políticas públicas que existem em relação ao assunto discutido.

Em seguida, assim como na maioria dos trabalhos que envolvem o reconhecimento e a educação, é apresentada a teoria do reconhecimento e suas principais ideias, colocando a formação da identidade como algo plural. Pois, a construção da identidade depende do reconhecimento próprio e do reconhecimento do outro. Ademais, a luta por reconhecimento se torna social quando se passa a pensar no coletivo e não nas intenções próprias. Então, as pessoas com necessidades especiais podem ser compreendidas como um grupo social que é considerado minoria e que busca o reconhecimento.

Guimarães e Viana (2017) apresentam o reconhecimento na esfera jurídica como efetivo quando existem as políticas públicas voltadas para a inclusão. No entanto, é necessário entender que essas políticas não garantem a sua aplicabilidade. E, para que haja reconhecimento efetivo, todas as esferas do reconhecimento devem ser consideradas. Assim, se existem as leis, mas elas não são aplicadas, então o reconhecimento não é efetivo.

Por meio da discussão teórica, os autores foram a campo investigar a aplicabilidade das políticas educacionais inclusivas. Eles entrevistaram gestores e professores de três escolas distintas na cidade de Outro Preto, Minas Gerais, em 2014 e 2015. Para a entrevista, as perguntas se basearam em alguns pontos importantes, sendo eles: se as leis garantiam o direito à educação inclusiva, se as escolas participavam de programas ou projetos que promoviam a educação inclusiva, o que poderia ser feito para garantir uma educação inclusiva e quem era responsável pela inclusão escolar. (Ibid., p. 26).

Foi notado, a partir dos resultados, que os entrevistados acreditavam que só as leis não garantiam uma educação inclusiva de qualidade. Além disso, todos os participantes afirmaram ser dever de toda a sociedade cobrar para que haja a efetividade das políticas públicas. Apesar da maioria dos entrevistados terem alguma formação voltada para a educação inclusiva, eles disseram que as escolas em que trabalhavam não participavam de projetos ou programas educacionais inclusivos.

Partindo da discussão teórica e das entrevistas realizadas, os autores chegaram à conclusão de que apesar de existirem políticas públicas educacionais voltadas para a inclusão, é preciso que a coletividade cobre a efetividade dessas leis, do Estado e dos

órgãos competentes. Entende-se, por fim, que essa cobrança e a supervisão das políticas inclusivas e de sua aplicabilidade é uma forma de reconhecimento.

Em *O não reconhecimento do outro e a educação: a reificação de Axel Honneth*, de Caroline Mitidieri Selvero (2019), é discutido o conceito de reificação do sujeito, ou seja, o processo de não reconhecimento do outro, a partir de Axel Honneth, e a educação. A autora acredita ser importante compreender as relações entre aluno-aluno, aluno-professor e os novos conhecimentos adquiridos, pensando nas influências que o professor pode causar no aluno. Pois, no ambiente educacional deve existir o processo de reconhecimento.

No entanto, como destaca Selvero, algumas atitudes no espaço escolar mostram alunos e professores se desrespeitando, o que impede o processo de reconhecimento. É a partir disso que a autora levanta algumas questões: “O que significa reconhecer o outro ou ser reconhecido pelo outro? [...] O professor, ao ter contato com seu aluno, reconhece nele que questões? Reconhece algo? Que dificuldade sente?” (Ibid., p. 166).

Por meio das primeiras indagações, é apresentada a teoria do reconhecimento proposta por Axel Honneth, explicando as esferas do amor, do direito e da solidariedade. Isso é feito para que a autora consiga relacionar o reconhecimento com as relações dentro do espaço escolar. Pois, é preciso entender que o desrespeito e outros conflitos prejudicam o reconhecimento e o processo de constituição identitária.

O referido reconhecimento intersubjetivo permite que o sujeito realize suas capacidades de ter uma autorrelação pautada pela integridade. Os conflitos de reconhecimento permitem que exista um desenvolvimento moral da sociedade e dos indivíduos. Da mesma maneira, a autonomia dos sujeitos somente será alcançada quando existem parceiros em processos de interação. (SELVERO, 2019, p. 170).

Outro resultado encontrado pela Selvero é a necessidade de o reconhecimento ser percebido em todas as partes da sociedade. Como podemos observar:

O fato de reconhecer-se no outro se refere ao fato de encontrar neste outro as mesmas características fundamentais que se vê em si; dessa forma, pretende se ter o mesmo respeito que se espera receber seja dado ao próximo, e assim por diante. No entanto, segundo Honneth, esse processo, em diversas situações não é mantido, isso faz com que divergências e conflitos ocorram, dentre eles a injustiça. Para o autor, muitas vezes, se pretende fazer com que esses movimentos sejam visíveis para a população e a mídia pode, desse modo, influenciar o posicionamento das pessoas, definindo o que são e não são movimentos sociais. Nesse sentido, a mídia e os veículos de informação de países apresentam um poder muito forte e manipulatório. Por isso, é necessário que o conceito de reconhecimento seja percebido em todas as esferas da sociedade em seus aspectos psicológico, político, social e também econômico. (SELVERO, 2019, p. 171).



É importante que o reconhecimento seja valorizado e efetivo dentro do campo educacional. Pois, a educação formará pessoas autônomas, autorrespeitosas e emancipadas. Assim, o reconhecimento nas relações entre os indivíduos educadores e educandos é necessário. “Dessa forma, é possível admitir que os envolvidos nas relações interpessoais que ocorrem no espaço educativo reconheçam a sua identidade e, além disso, estabeleçam questões fundamentais no relacionar-se com o outro como o respeito e o reconhecimento mútuo.” (SELVERO, 2019, p. 173).

Por fim, um outro artigo que merece ser citado e que também reflete sobre a relação entre o reconhecimento honnethiano e a educação é o do Maurício Rebelo Martins, denominado *Teoria do reconhecimento de Axel Honneth e a educação: observações introdutórias* (2014). O objetivo do trabalho é investigar a teoria do reconhecimento de Axel Honneth e por meio dela entender como o conceito de reconhecimento pode ajudar a pensar em uma educação moral diante dos desafios da sociedade contemporânea, a qual o autor denomina de sociedades complexas e plurais.

Martins chama atenção para a necessidade de entendermos que a estrutura social condiciona a educação. E, é entendendo esse condicionamento que a educação pode agir sobre o sujeito e, conseqüentemente, sobre a estrutura social. Por isso, segundo ele, cabe à Filosofia da Educação pensar sobre os processos educativos, levando em conta as transformações sociais e os desafios e conflitos que a sociedade apresenta.

Primeiramente, é apresentada a teoria do reconhecimento. Pois, o autor acredita que ela pode ajudar a pensar uma nova escola que seja capaz de lidar com as diferenças e com o reconhecimento do outro. Ao apresentar o conceito de reconhecimento honnethiano, Martins chama atenção para o conflito social. Honneth acredita que os conflitos gerados de interações sociais são a base para a luta por reconhecimento.

É a partir disso que o autor busca investigar os desafios de uma educação moral, que não pode deixar de lado as transformações sociais. Pois, essas transformações sociais levaram para o ambiente escolar um “choque de culturas” (MARTINS, 2014, p. 40). O que acarretou violências físicas e psicológicas (*bullying*) entre os agentes educativos.

É válido salientar que os “choques de cultura” (MARTINS, 2014, p. 40) foram causados pelos processos de globalização e mobilidade social que resultam em violências e desrespeito com o outro. Com isso, é preciso considerar essas questões ao pensar a educação e a escola atuais. Ou seja, cada vez mais convivemos com o diferente e é esse o desafio da educação contemporânea. É preciso que a educação seja capaz de formar pessoas capazes de conviver umas com as outras.

Dessa maneira, diante das sociedades complexas e plurais é necessário encontrar uma teoria que possa ser aplicada na prática capaz de impedir o preconceito em relação ao diferente. Martins considera que a teoria do reconhecimento é uma saída para entender essas sociedades. Além disso, ela se mostra útil ao pensar no ambiente escolar e na importância de a educação promover a aceitação das diferenças e o reconhecimento do outro. Para isso, é necessário pensar em um novo modelo de educação.

O ambiente educativo deve ser um espaço democrático, que ajude os alunos a se tornarem autorrealizados. E isso é garantido na boa convivência e nas relações intersubjetivas. Dessa forma, a educação que preza o reconhecimento vai contra o individualismo tão presente na sociedade contemporânea, pois o reconhecimento depende da autorrealização coletiva.

Por isso, é necessário pensar em uma educação que considere atividades práticas de cooperação, para que os alunos enfrentem os conflitos que lhes aparecerem. Pois, como foi dito, o conflito é a base para a luta por reconhecimento. Além disso, o ambiente educacional deve proteger seus alunos da vulnerabilidade, para que não haja o desrespeito em alguma esfera do reconhecimento. Pois, o reconhecimento só se dá com a efetivação de todas as esferas, o que possibilita o alcance da emancipação e da autonomia própria.

Por fim, foi percebido por Martins que apesar das reflexões acerca das relações entre a teoria do reconhecimento e a educação estarem no início, elas se mostram úteis ao enfrentarem os desafios da nossa sociedade. O reconhecimento propicia uma educação democrática que contradiz o individualismo presente na contemporaneidade. Mas, isso só é possível se os espaços educativos contribuírem para a formação de pessoas que realmente se sintam reconhecidas e que possam reconhecer as outras.

#### 4. A metodologia da pesquisa

Essa pesquisa insere-se na área de Filosofia da Educação. Visto que o intuito é perceber como o referencial filosófico, acerca do reconhecimento honnethiano ou a negação dele, pode estar presente nas falas das professoras durante o período de pandemia causado pela COVID-19.

Além disso, a pesquisa é qualitativa, como mostra a visão de Minayo (2002, p.21-22), pois essa abordagem preocupa-se com tudo aquilo que não pode ser quantificado: “ela trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

A metodologia do presente trabalho foi organizada em quatro principais etapas. A primeira ocorreu com a leitura e revisão do referencial teórico a partir da obra *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais* e *Reificação: um estudo da teoria do reconhecimento*, de Axel Honneth.

Em seguida, ocorreu o procedimento de escuta das professoras no âmbito das atividades do GPECTHUS, Grupo de Pesquisas em Educação, Ciências e Tecnologias na contemporaneidade. O grupo, do qual faço parte, investiga temas contemporâneos em educação com abordagens voltadas à compreensão de cenários multi e interculturais; instituições e grupos minoritários; relações entre ciência, tecnologia, sociedade e ambiente; letramento científico por meio de “fundos de conhecimento” e “terceiros espaços”; mediações por tecnologias digitais e experiências inovadoras de formação e valorização docente. Possui cerca de 14 integrantes, entre eles estão o Prof. Paulo (coordenador do grupo), o Prof. Ricardo Sepini e os demais membros são orientandos e ex-orientandos do Prof. Paulo.

No ano de 2020 surgiu por parte de duas integrantes do grupo, Adriana e Betty, a vontade de compartilharem suas experiências com o ensino remoto, sendo uma delas inspetora educacional e a outra professora da educação básica, respectivamente. No dia 9/7/20 elas puderam, então, partilhar conosco sobre o que estava acontecendo com a instauração do ensino remoto proposto pela Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais na abrangência das superintendências regionais de ensino de São João del-Rei e Barbacena. Após as falas das duas, foi levantada pelos membros do grupo a possibilidade de chamarmos outras pessoas da comunidade para participarem das reuniões online e serem ouvidos sobre as vivências no ensino remoto.

Assim, começamos a ouvir os convidados da comunidade por meio da plataforma Google Meet no dia 23/7/20, com a presença de uma professora, da mãe de uma aluna, uma estudante de ensino médio de escola pública e outra da rede privada. No dia 6/8/20 tivemos a participação do Prof. Sérgio Tsembane, da Universidade de Save, Moçambique e por fim ouvimos um mestrando brasileiro residente em Portugal.

Após participar dos encontros percebi que as falas das professoras que participaram poderiam contribuir com a minha pesquisa, pois nessas falas identifiquei presença e negação do reconhecimento honnethiano. Comecei, então, a terceira etapa desse trabalho. Ouvi novamente as falas dessas professoras (todas foram gravadas com o consentimento dos participantes), transcrevi-as, revisei-as, identifiquei em algumas partes a presença ou não do reconhecimento e as organizei usando como critério as esferas do reconhecimento em uma primeira análise. Com a realização de meu exame de qualificação, os Professores Wanderley, Cássio e Moisés sugeriram que eu retomasse a análise realizando a análise de conteúdo das falas. Para isso, analisei a proposta metodológica de Laurence Bardin (2011) e reorganizei os dados para análise (quarta etapa).

“A análise de conteúdo é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação” (BARDIN, 2011, p. 24). Dessa forma, tem como funções confirmar hipóteses ou descobrir algo novo, com a possibilidade de criar inferências e interpretações finais. Pois, seus maiores objetivos são superar as incertezas da pesquisa e enriquecer a leitura.

Então, como vimos, a análise de conteúdo não é apenas um instrumento de pesquisa, mas um conjunto de técnicas que envolvem alguns tipos de análises: análise categorial, análise de avaliação, análise da enunciação, análise proposicional do discurso, análise da expressão, análise das relações e análise temática (semântica, estrutural e sequencial). Como a própria Bardin nos diz:

No conjunto das técnicas da análise de conteúdo, a análise por categorias é de citar em primeiro lugar: cronologicamente é a mais antiga; na prática é a mais utilizada. Funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos. Entre as diferentes possibilidades de categorização, a investigação dos temas, ou análise temática, é rápida e eficaz na condição de se aplicar a discursos diretos (significações manifestas) e simples. (BARDIN, 1977, p. 153).

Dessa maneira, nos ateremos aqui à análise categorial. Essa técnica de análise envolve três etapas principais. Primeiramente, temos a pré-análise: ao escolher os documentos/dados a serem analisados faz-se uma leitura flutuante (uma leitura inicial dos

dados) e um levantamento de hipóteses e objetivos. Durante a leitura será buscado unidades de registro, ou seja, palavras, frases e números que possuem alguma relevância para as hipóteses e objetivos ou que se repetem muitas vezes no texto trazendo algum tipo de significado para ele. Para as unidades de registro criaremos unidades de codificação, são códigos atribuídos a essas unidades de registro. Com as unidades de registro e de codificação selecionadas são criados os indicadores, frases ou argumentos que o pesquisador acredita que as unidades de registro ou a falta dessas unidades estão apontando, pois quando essas unidades são codificadas elas passam a indicar algo. São os indicadores que fundamentam uma futura interpretação dos dados da pesquisa.

A segunda etapa de análise é a exploração do material, que se dá com a elaboração de categorias. A partir dos indicadores são criadas categorias de análise, que podem ser pré-estabelecidas (seguindo a hipótese levantada) ou emergentes (quando elas surgem durante a análise). Essas categorias são palavras ou ideias que nos remetem ao significado dos dados, ao que eles apontam ou indicam, ou, também, o que deixam de indicar.

Por fim, com as categorias definidas passa-se para a última etapa da análise de conteúdo categorial que é o tratamento dos dados. Durante essa etapa vão surgir inferências, ou seja, “deduções lógicas”. Essas inferências dizem respeito às respostas que aparecem ao analisar o material. “O objetivo da análise de conteúdo é não apenas descrever, mas ver qual é a mensagem implícita por trás do material analisado” (BARDIN, 1977, p. 168). E, além das inferências surgem, também, as interpretações do pesquisador sobre os resultados encontrados com a análise. É importante ressaltar que a interpretação não é neutra, ela possui a percepção do pesquisador e, apesar disso, é válida pois carrega uma fundamentação metodológica de análise.

Dessa forma, trabalhando os dados com a análise de conteúdo busco apresentar e explicar a hipótese de que apareçam categorias, inferências e interpretações voltadas para a teoria do reconhecimento. Com isso, poderemos atingir os objetivos levantados e, conseqüentemente, responder as questões propostas.

## **5. A presença das esferas do reconhecimento nos depoimentos de duas professoras da educação básica de Minas Gerais.**

Junto às condições de trabalho precárias que a grande maioria dos professores enfrenta, é possível detectar um crescente mal-estar entre os profissionais da educação. Insegurança, estresse, angústia parecem cada vez mais acompanhar o dia a dia dos docentes. Sua autoridade intelectual e preparação profissional são frequentemente questionadas. Ser professor hoje se vem transformando em uma atividade que desafia sua resistência, saúde e equilíbrio emocional, capacidade de enfrentar conflitos e construir diariamente experiências pedagógicas significativas.

Partimos do ponto de vista de que não se pode desvincular as questões relativas ao trabalho docente e à formação de professores do contexto sociocultural em que estamos imersos e da própria problemática da escola hoje. Em uma época de crise generalizada, em que emergem novos paradigmas, tanto do ponto de vista político-social, como científico, cultural e ético, o sentido da educação precisa ser ressignificado. Em tempos em que novos desafios nos interpelam, as respostas já definidas e experimentadas não dão conta de oferecer referentes mobilizadores de saberes, valores e práticas educativas que estimulem a construção de subjetividades e identidades capazes de assumir a complexidade das sociedades multiculturais e desiguais em que vivemos. (CANDAU, 2014, p. 34).

Início esse tópico com uma citação de Vera Maria Ferrão Candau na qual ela expõe algumas das problemáticas que envolvem a educação e o ser professor. Diante da pandemia ocasionada pela doença da COVID-19 acreditamos que essas problemáticas acabaram se exaltando. Dessa maneira, apresentaremos depoimentos de duas professoras da educação básica de Minas Gerais. Chamaremos as professoras de S e B, com a intenção de resguardar suas identidades. A partir das falas poderemos ver se existem nelas as esferas do reconhecimento e quais, com o intuito de entender como se deram ou não seus reconhecimentos como docentes no início da pandemia.

Dessa maneira, para responder nossa questão inicial e os objetivos levantados buscaremos categorizar e analisar as falas das professoras com auxílio da análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin. A transcrição das falas está disponível no apêndice 1.

A partir da escuta e de uma primeira leitura das transcrições, a qual Bardin denomina de “leitura flutuante”, observamos que as esferas do reconhecimento de Axel Honneth se refletem nas falas das professoras. Dessa forma, para a análise algumas questões serão respondidas: as esferas do reconhecimento de Axel Honneth são observadas no discurso de professoras da educação básica frente ao tipo de ensino remoto imposto pela Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, devido à quarentena causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2)? Quais esferas se revelam e quais são negadas? Com esses questionamentos fizemos uma primeira análise, introdutória, na qual

percebemos a presença do reconhecimento e das esferas nos depoimentos. Em seguida, foi realizada uma segunda análise, a de conteúdo. Com isso buscaremos mostrar a presença ou a negação do reconhecimento por meio das esferas e obter outras categorias de análise.

Assim, continuamos o tratamento dos dados buscando as unidades de registro, que são palavras, frases ou números que podem indicar algo sobre os dados. Com as unidades de registro selecionadas criamos as unidades de codificação, que são códigos atribuídos às unidades de registro. As unidades de registro e de codificação podem ser vistas na tabela abaixo.

Tabela 2 – Unidades de registro e de codificação

Continua

<b>Unidades de registro – <u>Profa. 1</u></b>	<b>Codificação</b>
Nossa realidade atual	Presente
Tenho que estar disponível	Atualidade do professor
Quem está na minha casa não entende que eu estou em horário de serviço	Atualidade do professor: o olhar do outro (família)
É bem estressante	Atualidade do professor
Como que estou me sentindo	Atualidade do professor
As atividades do PET foram nos enfiadas guela abaixo	Sistema escolar
Aí você tem que pensar com carinho na mãe que não é pedagoga	Pensar no outro: solidariedade
Não estamos mediando nada	Atualidade do professor
Eu tô em casa, aluno liga pra mim em chamada de vídeo, gente, na hora do almoço, de noite, de madrugada	Atualidade do professor: o outro, sobrecarga
As pessoas não têm noção da imensidão do que está sendo isso tudo pra gente como pai, como professor e também como família	O olhar do outro: não percebem a realidade do professor
Aula online	Atualidade do ensino
E quem não entende	Atualidade dos alunos e famílias
Ela chegou perto de mim chorando	Atualidade dos alunos
Não tô aprendendo	Atualidade dos alunos
Professor não tá nem aí	Atualidade do professor
Eu gosto desse vínculo, desse vínculo aluno, professor e escola	Atualidade do professor: a relação com o outro, afeto
Bom a aula online pra reforço escolar, pro aluno ler alguma coisa todo dia, das atividades que ele já sabe retomar, mas é muito sério a matéria nova	Atualidade do ensino sob o olhar do professor
Eu assumi o PET, porque eu tenho que engolir ele	Sistema escolar

Tabela 2 – Unidades de registro e de codificação

Continua

Que é importante é meu aluno não esquecer o que ele aprendeu...”	O olhar do professor para o aluno
Desabafo	Sentimento do professor
É muito difícil	Sentimento do professor
Tá precisando ser ouvidos	Sentimento do professor
Nós precisamos falar	Sentimento do professor
Nós vamos adoecer	Atualidade do professor – sentimento
Essa parte emocional, afetiva, faz muita falta	Atualidade do professor: sentimento – afeto
Eu sou muito carinhosa com a minha turma, muito amorosa	Atualidade do professor: o afeto com o outro
Eu tô sofrendo	Atualidade do professor – sentimento
Eu queria uma coisa de perto	Atualidade do professor
Nós vamos tudo adoecer	Atualidade do professor – sentimento
E os alunos devem estar sofrendo também	Atualidade dos alunos
Nós não temos paciência com nossos filhos	Atualidade dos alunos com suas famílias (falta de afeto? Falta de reconhecimento?)
Ô mãe, eu te entendo	Reconhecimento da família
Um horário pra ela estudar é muito importante	Atualidade do aluno
Agora não tem mais como fazer isso agora	Cancelamento
Agora não tem mais, não tem mais como	Cancelamento
O Brasil é muito grande, nossa realidade é muito diferente.	Diversidade/diferença
Não tem jeito, não tem lógica isso, não tem jeito [...]	Cancelamento
Tem que ver o que que pode ser feito	Futuro
Porque a diferença social é enorme	Diversidade/diferença
Olha que diferença	Diversidade/diferença
É uma realidade totalmente diferente.	Diversidade/diferença
Meus alunos não vão assistir aula porque eles não têm internet pra isso	Falta de acesso
Não têm computador em casa	Falta de acesso
Têm só o celular da mãe e do pai	Dificuldade de acesso
A mãe comprou um celular	Dificuldade de acesso
A família comprou celular	Dificuldade de acesso
Comprou dados móveis	Dificuldade de acesso
Para poder participar das aulas, senão eles nem poderiam participar	Dificuldade de acesso
Não tem acesso mesmo	Falta de acesso
Onde eles moram não dá, não tem área nem se eles quiserem ter.	Falta de acesso
A nossa realidade é muito diferente	Diversidade/diferença



Tabela 2 – Unidades de registro e de codificação

Continua

E, eles estão nas redes sociais, lá no face, mas eles não fazem nada	Atualidade do aluno
Prioridades das famílias, né	Família
Qual é a educação, os conceitos que eles têm, qual a cultura deles?	Atualidade do aluno
Lá na sala de aula tem como eu tratar todos da mesma maneira	Atualidade da educação
Não adianta ter o melhor o melhor celular, não adianta ter o melhor computador, não adianta ter a melhor internet.	Disposição dos alunos/atualidade dos alunos
Ali a educação está igual, apesar de na escola pública ser de um jeito e na particular de outro	Educação em tempos normais
Políticas públicas	Sistema
Uma recordação, para não perder o vínculo escolar	Pós-pandemia
O Face da secretaria de educação, dá até vontade de deletar eles	Sistema escolar
É uma mentira	Sistema escolar
Eles postam umas mentiras tão grandes	Sistema escolar
Que é revoltante para a gente que trabalha	Sistema escolar
Os alunos estão fazendo atividade sentados na cama dormindo	Atualidade dos alunos
São poucos, é a minoria	Atualidade dos alunos
O pós pandemia	Pós pandemia – futuro
Pós férias	Pós pandemia – futuro
Nós vamos ter que averiguar, observar	Pós pandemia – futuro
O pós pandemia vai ser assim	Pós pandemia – futuro
Fazendo diagnóstico	Pós pandemia – futuro
Olhando a realidade	Pós pandemia – futuro
Baque bem grande por uns bons anos	Pós pandemia – futuro
Ela vai ter que fazer por ela	Pós pandemia – futuro
A escola particular, desde o começo, ela já continuou levando as aulas para frente. Os professores que plataformas digitais, os alunos têm acesso.	Atualidade da educação – ensino particular
Eu tenho dó de quem tá no terceiro ano...	Olhar para com o outro – com os alunos – solidariedade
Perder um ano da sua vida não	Olhar para com o outro – com os alunos – solidariedade
Eu vou fazer de tudo, eu como professora	Olhar para com o outro – com os alunos – solidariedade
Mas vai ser pago, porque no público não tem	Diferença no ensino

Tabela 2 – Unidades de registro e de codificação

Continua

Fazer um intensivo	Pós pandemia
Eles têm que estudar	Pós pandemia
Eu não acho outra solução por terceiro ano	Pós pandemia
Quero agradecer	Gratidão
Foi muito importante para mim	Gratidão
Muitas realidades diferentes, né	Diversidade/diferença
Foi muito rico, é muito rico tudo que eu ouvi aqui hoje	Gratidão
Estou muito revoltada com esse sistema de ensino	Sistema escolar
Tá gritante a diferença social	Diferença
Diferenças, tá muito grande	Diferença
Não sei o que vai ser feito pra amenizar isso	Pós pandemia
Pós pandemia	Pós pandemia
Que investir muito	Pós pandemia
Amenizado	Pós pandemia
Investir muito	Pós pandemia
Preparar como profissionais	Pós pandemia
Nós temos que ser preparados	Pós pandemia
Investir nas tecnologias	Pós pandemia
Sejam mais rápidas	Pós pandemia
Não tenho papel para imprimir, e nem impressora na escola	Pós pandemia
Muito reflexivo	Gratidão
<b>Unidades de registro – <u>Profa. 2</u></b>	<b>Unidades de codificação</b>
Eu sou extremamente ansiosa	Sentimento da professora
Comecei atender meus alunos pelo WhatsApp	Atualidade da professora
Estado começou eu já tinha um mês que eu tinha montado os grupos	Sistema escolar
Veio a proposta do governo pela TV Eu já tava com tudo funcionando	Atualidade da professora
Entrei de férias prêmio	Atualidade da professora
Não abandonei os meninos	Atualidade da professora
Eu vejo que é muito diferente a responsabilidade que se assume com educação, é uma coisa muito séria, e aqui no Brasil a gente sente que tem muita gente levando na brincadeira.	Diferenças do sistema escolar
Os professores também estão passando por isso	Atualidade dos professores
Para mim não foi muito difícil	Atualidade da professora
Envolvida com a formação	Atualidade da professora

Tabela 2 – Unidades de registro e de codificação

Continua

Eu tenho amigos que não sabem mexer no celular	Atualidade dos professores
Não tem celular que acessa a internet. Então isso ficou muito complicado.	Dificuldade de acesso
Distanciamento da educação entre a visão gestora, não da escola, mas da educação dentro do sistema da escola, seja estadual ou federal ou até mesmo municipal, e a parte pedagógica.	Sistema escolar – esfera jurídica
As pessoas que cobram elas não entendem muito da sala de aula.	Sistema escolar
Eles entendem muito pouco do fluxo da escola	Sistema escolar
Dessa logística que é a sala de aula	Sistema escolar
Um momento de desenvolvimento pessoal	Atualidade do professor
Tive que trabalhar com um monte de coisas	Atualidade do professor
Existe uma corrente muito forte no Brasil, que tá tendendo para transformar a educação presencial numa educação à distância	Sistema escolar
Pela economia	Sistema escolar
Manutenção de pessoal	Sistema escolar
A geração dos nossos alunos eles são informatizados, ele sabe mexer no celular, ele tem acesso à internet, mas eles não entendem da tecnologia	Dificuldade de acesso
Eu achava que a maioria dos meus alunos iam adorar essa história de ficar em casa	Atualidade dos alunos
Não deram conta de lidarem com o distanciamento	Atualidade dos alunos
Sentem a falta do colega do ombro amigo, da brincadeira na escola... Já teve noite de eu ficar até duas horas da manhã com eles no whatsapp, num momento de desabafo	Atualidade dos alunos
Muitos estão desistindo	Atualidade dos alunos
Tem uma argumentação muito mais forte do que ser e não presencial	Atualidade da educação
Presencial eles estariam copiando do outro, e tapeando a gente	Atualidade dos alunos
Eles não conseguem tapear.	Atualidade dos alunos
Eu tive que assumir um papel meio que de psicóloga.	Atualidade da professora

Tabela 2 – Unidades de registro e de codificação

Continua

Muitos quebraram a resistência de se aproximar	Atualidade dos alunos
Eu senti um outro lado do aluno que eu não conseguia perceber antes	Atualidade da professora. – olhar para com o outro – solidariedade e afeto
Estamos juntos	Solidariedade
E com isso, isso se tornou mais claro, mais evidente	Atualidade da educação
Não me sinto à vontade com a aula gravada	Professora – sentimento
Pessoal da administração deveria pensar um pouco	Sistema escolar
Cobrança	Sistema escolar – professores
Acaba bloqueando mais ainda	Professores
Trazendo um certo fenômeno que pode, que pode até tá sendo interpretado como má vontade, enrolação	Professores
Esse período evidenciou o perfil dos profissionais, os que se dedicam dos que não	Professores
Educação é uma coisa que depende basicamente do professor e do aluno.	Atualidade da educação
Eu acho uma vergonha a gente precisar de um inspetor, a gente precisar de um supervisor. A gente precisar de alguém lhe cobrando	Sistema escolar
A questão do sujeito, do eu, ela, tá cada dia mais evidente	O olhar para o outro – individualidade
Trabalho de qualidade	Educação
Aluno me responde com a mesma qualidade	Professora com os alunos
Troca	Relação
Construção	Relação
Responsável	Relação
Enquanto professor faz com que o nosso aluno se habitue com a desorganização, com o desinteresse, como de qualquer jeito, com o que for que seja, meia boca, a gente sempre vai conviver cada dia com pessoas mais vazias, irresponsáveis	Professores
O chat não funcionava	Educação
O nosso, ele tem que funcionar, porque ele tá garantido que a gente tá trabalhando, ele é que tá controlando o nosso ponto, tudo uma coisa de controle	Professores

Tabela 2 – Unidades de registro e de codificação

Continua

Eles não controlam que eu estou com caderno aqui do meu lado resolvendo exercícios que tá no WhatsApp	Professores – sistema escolar
Controla nada disso, eles controlam meu horário de escola	Professores – sistema escolar
A responsabilidade, ela tem que ser minha, o compromisso tem que ser meu, a atitude é minha, ela não é de quem está me supervisionando. Porque, uma tela de computador, ela simplesmente... Ela não te mostra quem eu sou	Professores – sistema escolar
Comprometimento ele é individual.	Professores
A gente consegue fazer a educação dá certo, se cada um assumir isso como uma forma de projeto de vida, profissional.	Professores – educação
Educação ela tem que ser um projeto pessoal	Educação
Do professor quanto do aluno	Educação
Eu luto pela valorização do nosso papel social	Profa. – reconhecimento
Momento da pandemia	Atualidade – educação
A importância do estudar, porque eles estão tendo que estudar sozinhos	Educação
Para os pais, que também estão tendo uma outra visão da escola	Família
Falta o sistema enxergar isso	Sistema
O sistema perceber que a partir do momento que existir, não um controle, mas uma formação responsável dos professores... Isso pode produzir um trabalho livre	Sistema
Os próprios professores vão perceber sua importância e se dedicar mais a isso, sem essa necessidade de transformar a educação numa prisão para os professores.	Professores – educação – sistema
Os alunos estão se sentindo pressionados e nós professores, com esse movimento aí de que a culpa é toda do professor, a gente tem se sentindo muito exausto também.	Sentimento do professor e dos alunos
Nós não somos capazes de dimensionar a aprendizagem do aluno e, principalmente, essa aprendizagem virtual.	Professores – educação
Nós estamos aceitando uma enganação que tá sendo chama de aprendizagem?	Educação – professores.
Eu me vejo incapaz de avaliar	Sentimento da professora.

Tabela 2 – Unidades de registro e de codificação

Conclusão

Qual a minha competência para avaliar um processo tão pessoal quanto a aprendizagem?	Sentimento da professora.
--	---------------------------

Fonte: autoria própria e falas das professoras, 2021.

Com a tabela das unidades de registro e de codificação pronta conseguimos quantificar as unidades de codificação. Assim, para a criação das categorias já teremos um levantamento de quais unidades de registro e de codificação mais se repetem e como elas se apresentam nas falas das professoras. Na tabela a seguir poderemos ver as unidades de codificação quantificadas.

Tabela 3 – Unidades de codificação quantificadas

<b>Unidades de codificação – total das duas professoras</b>
1.Sistema escolar: 24
2. Atualidade do professor: 23
3.Futuro/pós pandemia: 23
4. Atualidade dos alunos: 22
5. Sentimento do professor: 18
6. Presente/Atualidade da educação: 15
7. Falta ou dificuldade de acesso: 11
8. Diversidade/diferença: 10
9. Pensar no outro/solidariedade: 5
10.Gratidão: 4
11. Relação professora-aluno: 4
12.Cancelamento: 3
13. Professores e educação: 3
14. O olhar do outro: 2
15. Educação em tempos normais: 1
16. Individualidade: 1

Fonte: autoria própria e falas das professoras, 2021.

Com o levantamento das unidades de registro e das unidades de codificação podemos criar alguns indicadores. Ou seja, alguns argumentos sobre o que as unidades de registro, ou a falta delas, parecem estar apontando.

Nas falas das professoras o que mais se destaca são questões/problemáticas envolvendo o sistema escolar, a realidade do professor, o pós-pandemia, a realidade dos alunos, os sentimentos dos professores, a atualidade da educação, a falta e/ou a dificuldade de acesso e as diversidades e diferenças sociais.

Acreditamos que as falas são marcadas pelo “desabafo” dos problemas acerca do momento em que as professoras se encontravam durante o ensino remoto no ano de 2020, relatando seus sentimentos, seus anseios e seus medos, tanto em relação ao trabalho, suas relações com o *homeoffice*, com os alunos e com si próprias. As falas problematizam e denunciam um descaso por parte do sistema escolar, o que nos parece uma falta de reconhecimento. Além disso, elas apontam, também, as dificuldades de acesso à equipamentos, internet e outros materiais tanto dos alunos quanto dos profissionais, devido às grandes diferenças existentes no país.

A partir desses indicadores buscaremos criar categorias a partir das unidades de registro e de codificação para, assim, chegarmos às inferências e interpretações, nas quais poderemos ver como os indicadores, as hipóteses e objetivos se relacionam com a teoria do reconhecimento, principalmente com as esferas do reconhecimento.

Então, com os indicadores prontos criamos as categorias, que são palavras ou ideias que nos remetem aos dados. Elas foram criadas em um processo de “afunilamento” de dados. Iniciamos com as unidades de registro, passamos pelas unidades de codificação e, então, chegamos às categorias. As categorias obtidas a partir das unidades de registro e de codificação podem ser vistas na tabela abaixo.

Tabela 4 – Categorias de análise

Continua

<b>CATEGORIAS</b>	<b>UNIDADES DE CODIFICAÇÃO</b>	<b>UNIDADES DE REGISTRO</b>
Sistema de ensino	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sistema escolar</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “As atividades do PET foram nos enfiadas guela abaixo”</li> <li>• “Eu assumi o PET, porque eu tenho que engolir ele”</li> <li>• “Políticas públicas”</li> <li>• “O Face da secretaria de educação, dá até vontade de deletar eles”</li> <li>• “É uma mentira”</li> <li>• “Eles postam umas mentiras tão grandes”</li> <li>• “Que é revoltante para a gente que trabalha”</li> <li>• “Estou muito revoltada com esse sistema de ensino”</li> <li>• “Estado começou eu já tinha um mês que eu tinha montado os grupos”</li> <li>• “Distanciamento da educação entre a visão gestora, não da escola, mas da</li> </ul>

Tabela 4 – Categorias de análise

Continua

		<p>educação, seja estadual ou federal ou até mesmo municipal, e a parte pedagógica”</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “As pessoas que cobram elas não entendem muito da sala de aula”</li> <li>• “Eles entendem muito pouco do fluxo da escola”</li> <li>• “Dessa logística que é a sala de aula”</li> <li>• “Existe uma corrente muito forte no Brasil que tá tendendo para transformar a educação presencial numa educação à distância”</li> <li>• “Pela economia”</li> <li>• “Manutenção de pessoal”</li> <li>• “Pessoal da administração deveria pensar um pouco”</li> <li>• “Cobrança”</li> <li>• “Eu acho uma vergonha a gente precisar de um inspetor, a gente precisar de um supervisor. A gente precisar de alguém lhe cobrando”</li> <li>• “Eles não controlam que eu estou com caderno aqui do meu lado resolvendo exercícios que tá no WhatsApp”</li> <li>• “Controla nada disso, eles controlam meu horário de escola”</li> <li>• “Falta o sistema enxergar isso”</li> <li>• “O sistema perceber que a partir do momento que existir, não um controle, mas uma formação responsável dos professores... Isso pode produzir um trabalho livre”</li> <li>• “A responsabilidade, ela tem que ser minha, o compromisso tem que ser meu, a atitude é minha, ela não é de quem está me supervisionando. Porque, uma tela de computador, ela simplesmente... Ela não te mostra quem eu sou”</li> </ul>
Professora	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Atualidade do professor</li> <li>• Sentimento do professor</li> <li>• Individualidade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Tenho que estar disponível”</li> <li>• “Quem está na minha casa não entende que eu estou em horário de serviço”</li> <li>• “É bem estressante”</li> <li>• “Como que estou me sentindo”</li> <li>• “Não estamos mediando nada”</li> <li>• “Eu tô em casa, aluno liga pra mim em chamada de vídeo, gente, na hora do almoço, de noite, de madrugada”</li> <li>• “Professor não tá nem aí”</li> </ul>



Tabela 4 – Categorias de análise

Continua

		<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Eu gosto desse vínculo, desse vínculo aluno, professor e escola”</li> <li>• “Desabafo”</li> <li>• “É muito difícil”</li> <li>• “Tá precisando ser ouvidos”</li> <li>• “Nós precisamos falar”</li> <li>• “Nós vamos adoecer”</li> <li>• “Essa parte emocional, afetiva, faz muita falta”</li> <li>• “Eu sou carinhosa com a minha turma, muito amorosa”</li> <li>• “Eu tô sofrendo”</li> <li>• “Eu queria uma coisa de perto”</li> <li>• “Nós vamos tudo adoecer”</li> <li>• “Eu sou extremamente ansiosa”</li> <li>• “Comecei atender meus alunos pelo WhatsApp”</li> <li>• “Veio a proposta do governo pela TV eu já tava com tudo funcionando”</li> <li>• “Entre de férias prêmio”</li> <li>• “Não abandonei os meninos”</li> <li>• “Os professores também estão passando por isso”</li> <li>• “Para mim não foi muito difícil”</li> <li>• “Envolvida com a formação”</li> <li>• “Eu tenho amigos que não sabem mexer no celular”</li> <li>• “Um momento de desenvolvimento pessoal”</li> <li>• “Tive que trabalhar com um monte de coisas”</li> <li>• “Eu tive que assumir um papel meio de psicóloga”</li> <li>• “Eu senti um outro lado do aluno que eu não conseguia perceber antes”</li> <li>• “Não me sinto à vontade com a aula gravada”</li> <li>• “Acaba bloqueando mais ainda”</li> <li>• “Trazendo um certo fenômeno que pode, que pode até tá sendo interpretado como má vontade, enrolação”</li> <li>• “Esse período evidenciou o perfil dos profissionais, os que se dedicam dos que não”</li> <li>• “Enquanto professor faz com que o nosso aluno se habitue com a desorganização, com o desinteresse, como de qualquer jeito, com o que for que seja,</li> </ul>
--	--	--

Tabela 4 – Categorias de análise

Continua

		<p>meia boca, a gente sempre vai conviver cada dia com pessoas mais vazias, irresponsáveis”</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “O nosso, ele tem que funcionar, porque ele tá garantido que a gente tá trabalhando, ele é que tá controlando o nosso ponto, tudo uma coisa de controle”</li> <li>• “Comprometimento ele é individual”</li> <li>• “Os alunos estão se sentindo pressionados e nós professores, com esse movimento aí de que a culpa é do professor, a gente tem se sentido muito exausto também”</li> <li>• “Eu me vejo incapaz de avaliar”</li> <li>• “Qual a minha competência para avaliar um processo tão pessoal quanto a aprendizagem? ”</li> <li>• “A questão do sujeito, do eu, ela tá cada dia mais evidente”</li> </ul>
<p>Pós-pandemia</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Futuro/pós-pandemia</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Tem que ver o que pode ser feito”</li> <li>• “Uma recordação, para não perder o vínculo escolar”</li> <li>• “O pós pandemia”</li> <li>• “Pós férias”</li> <li>• “Nós vamos ter que averiguar, observar”</li> <li>• “O pós pandemia vai ser assim”</li> <li>• “Fazendo diagnóstico”</li> <li>• “Olhando a realidade”</li> <li>• “Baque bem grande por uns bons anos”</li> <li>• “Ela vai ter que fazer por ela”</li> <li>• “Fazer um intensivo”</li> <li>• “Eles têm que estudar”</li> <li>• “Eu não acho outra solução pro terceiro ano”</li> <li>• “Não sei o que vai ser feito pra amenizar isso”</li> <li>• “Pós pandemia”</li> <li>• “Que investir muito”</li> <li>• “Amenizado”</li> <li>• “Investir muito”</li> <li>• “Preparar como profissionais”</li> <li>• “Nós temos que ser preparados”</li> <li>• “Investir nas tecnologias”</li> <li>• “Sejam mais rápidas”</li> <li>• “Não tenho papel para imprimir, e nem impressora na escola”</li> </ul>

Tabela 4 – Categorias de análise

Continua

Alunos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Atualidade dos alunos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “E quem não entende”</li> <li>• “Ela chegou perto de mim chorando”</li> <li>• “Não tô aprendendo”</li> <li>• “Que é importante é meu aluno não esquecer o que ele aprendeu”</li> <li>• “E os alunos devem estar sofrendo também”</li> <li>• “Nós não temos paciência com nossos filhos”</li> <li>• “Um horário pra ela estudar é muito importante”</li> <li>• “E, eles estão nas redes sociais, lá no Face, mas eles não fazem nada”</li> <li>• “Qual é a educação, os conceitos que eles têm, qual a cultura deles?”</li> <li>• “Não adianta ter o melhor o melhor celular, não adianta ter o melhor computador, não adianta ter a melhor internet.”</li> <li>• “Os alunos estão fazendo atividade sentados na cama dormindo”</li> <li>• “São poucos, é a minoria”</li> <li>• “Perder um ano da sua vida não”</li> <li>• “Eu achava que a maioria dos meus alunos iam adorar essa história de ficar em casa”</li> <li>• “Não deram conta de lidarem com o distanciamento”</li> <li>• “Sentem a falta do colega do ombro amigo, da brincadeira na escola... Já teve noite de eu ficar até duas horas da manhã com eles no WhatsApp, num momento de desabafo”</li> <li>• “Muitos estão desistindo”</li> <li>• “Presencial eles estariam copiando do outro, e tapeando a gente”</li> <li>• “Eles não conseguem tapear”</li> <li>• “Muitos quebraram a resistência de se aproximar”</li> </ul>
Educação	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Presente/atualidade da educação</li> <li>• Cancelamento</li> <li>• Professores e educação</li> <li>• Educação em tempos normais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Nossa realidade atual”</li> <li>• “Aula online”</li> <li>• “Bom a aula online pra reforço escolar, pro aluno ler alguma coisa todo dia, das atividades que ele já sabe retomar, mas é muito sério a matéria nova”</li> <li>• “Agora não tem mais como fazer isso agora”</li> <li>• “Agora não tem mais, não tem mais como”</li> </ul>

Tabela 4 – Categorias de análise

Continua

		<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Não tem jeito, não tem lógica isso, não tem jeito [...]”</li> <li>• “Lá na sala de aula tem como eu tratar todos da mesma maneira”</li> <li>• “Ali a educação está igual, apesar de na escola pública ser de um jeito e na particular de outro”</li> <li>• “A escola particular, desde o começo, ela já continuou levando as aulas para frente. Os professores que plataformas digitais, os alunos têm acesso.”</li> <li>• “Tem uma argumentação muito mais forte do que ser e não presencial”</li> <li>• “E com isso, isso se tornou mais claro, mais evidente”</li> <li>• “Educação é uma coisa que depende basicamente do professor e do aluno.”</li> <li>• “Trabalho de qualidade”</li> <li>• “O chat não funcionava”</li> <li>• “A gente consegue fazer a educação dá certo, se cada um assumir isso como uma forma de projeto de vida, profissional.”</li> <li>• “Educação ela tem que ser um projeto pessoal”</li> <li>• “Do professor quanto do aluno”</li> <li>• “Eu luto pela valorização do nosso papel social”</li> <li>• “Momento da pandemia”</li> <li>• “A importância de estudar, porque eles estão tendo que estudar sozinhos”</li> <li>• “Os próprios professores vão perceber sua importância e se dedicar mais a isso, sem essa necessidade de transformar a educação numa prisão para os professores.”</li> <li>• “Nós não somos capazes de dimensionar a aprendizagem do aluno e, principalmente, essa aprendizagem virtual.”</li> <li>• “Nós estamos aceitando uma enganação que tá sendo chamada de aprendizagem?”</li> </ul>
<p>Acesso</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Falta ou dificuldade de acesso</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Meus alunos não vão assistir aula porque não têm internet pra isso”</li> <li>• “Não têm computador em casa”</li> <li>• “Têm só o celular da mãe e do pai”</li> <li>• “A mãe comprou um celular”</li> <li>• “A família comprou um celular”</li> <li>• “Comprou dados móveis”</li> </ul>

Tabela 4 – Categorias de análise

Continua		
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Para poder participar das aulas, senão eles nem poderiam participar”</li> <li>• “Não tem acesso mesmo”</li> <li>• “Onde eles moram não dá, não tem área nem se eles quiserem ter. ”</li> <li>• “Não tem celular que acessa a internet. Então isso ficou muito complicado. ”</li> <li>• “A geração dos nossos alunos eles são informatizados, ele sabe mexer no celular, ele tem acesso à internet, mas eles não entendem da tecnologia”</li> </ul>
Diferença	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Diversidade/diferença</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “O Brasil é muito grande, nossa realidade é muito diferente. ”</li> <li>• “Porque a diferença social é enorme”</li> <li>• “Olha que diferença”</li> <li>• “É uma realidade totalmente diferente.”</li> <li>• “A nossa realidade é muito diferente”</li> <li>• “Mas vai ser pago, porque no público não tem”</li> <li>• “Muitas realidades diferentes, né”</li> <li>• “Tá a gritante a diferença social”</li> <li>• “Diferenças, tá muito grande”</li> <li>• “Eu vejo que é muito diferente a responsabilidade que se assume com a educação, é uma coisa muito séria, e aqui no Brasil a gente sente que tem muita gente levando na brincadeira. ”</li> </ul>
Solidariedade	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pensar no outro/solidariedade</li> <li>• O olhar do outro</li> <li>• Gratidão</li> <li>• Relação professor-aluno</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Aí você tem que pensar com carinho na mãe que não é pedagoga”</li> <li>• “As pessoas não têm noção da imensidão do que está sendo isso tudo pra gente como pai, como professor e também como família”</li> <li>• “Ô mãe, eu te entendo”</li> <li>• “Prioridades das famílias, né”</li> <li>• “Eu tenho dó de quem tá no terceiro ano...”</li> <li>• “Eu vou fazer de tudo, eu como professora”</li> <li>• “Quero agradecer”</li> <li>• “Foi muito importante para mim”</li> <li>• “Foi muito rico, é muito rico tudo que eu ouvi aqui hoje”</li> <li>• “Muito reflexivo”</li> <li>• “Estamos juntos”</li> </ul>

Tabela 4 – Categorias de análise

		Conclusão
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Aluno me responde com a mesma qualidade”</li> <li>• “Troca”</li> <li>• “Construção”</li> <li>• “Responsável”</li> <li>• “Para os pais, que também estão tendo outra visão da escola”</li> </ul>

Fonte: autoria própria e falas das professoras, 2021.

Dessa forma, foram criadas as seguintes categorias: Sistema de ensino, Professora, Pós-pandemia, Alunos, Educação, Acesso, Diferença e Solidariedade. Assim, com as categorias criam-se as inferências e as interpretações, ou seja, aquilo que deduzimos dos dados e que são apresentadas a seguir.

### 5.1. Sistema de ensino

Nas falas das professoras pudemos notar uma forte revolta com o sistema de ensino durante o ensino remoto de 2020. O sistema de ensino se refere à toda parte administrativa, gestora e governamental que abrange a educação. Os comentários evidenciam como elas se sentiram pressionadas e desvalorizadas pelos órgãos educacionais e como não acreditavam em um real aprendizado com o modelo de ensino proposto. Podemos notar isso quando elas falaram, por exemplo:

“[...] assim, eu vejo muito, eu acompanho o Facebook da secretaria de educação, A. não me xinga não, que eu sei que você é funcionária de lá, é gente, o Face da secretaria de educação, dá até vontade de deletar eles. Aquilo ali é uma mentira, eles postam umas mentiras tão grandes, tão grande, que é revoltante para a gente que trabalha, para minha filha, que tá aqui do meu lado, que estuda na estadual...” (Relato disponível no apêndice 1).

Ou quando relataram:

“Eu vejo um distanciamento da educação entre a visão gestora, não da escola, mas da educação dentro do sistema da escola, seja estadual ou federal ou até mesmo municipal, e a parte pedagógica. Porque muitas das vezes as pessoas que cobram elas não entendem muito da sala de aula.” [...]“Eu vejo muitos profissionais, não só na inspeção, mas na supervisão, direção... Os secretários municipais, estaduais, eles entendem muito pouco do fluxo da escola, dessa logística que é a sala de aula, que tá ali para trocar aprendizagem...” (Relato disponível no apêndice 1).

O que percebemos, não só nos trechos acima, mas, também, em outros momentos nos quais as professoras mencionam o sistema escolar é uma denúncia sobre a forma como esse sistema se mostra distante da realidade escolar. Além disso, elas percebem, no

modelo de ensino remoto proposto para a pandemia, a falta de conhecimento sobre o trabalho que realmente acontece nas escolas, entre alunos e professores.

Nos relatos sobre o sistema escolar conseguimos ver uma negação do reconhecimento social, em um entrelaçamento das esferas do direito e da solidariedade. A esfera do direito é marcada pelas leis, pelo reconhecimento jurídico, e a da solidariedade pela empatia, pelo respeito mútuo entre as pessoas, como já vimos. A partir dos depoimentos notamos que as professoras denunciam a falta de políticas públicas, um distanciamento da gestão, do governo, da secretaria de educação com a realidade escolar e a imposição dos PETs como modelos de educação remota, são situações que evidenciam essa falta de reconhecimento tanto no aspecto do direito quanto da solidariedade.

É necessário destacar a relação do relato das professoras quando elas mencionaram a falta de políticas públicas para o ensino remoto do ano de 2020 e, também, a necessidade da criação de políticas públicas para o pós-pandemia com a esfera do direito proposta pelo Axel Honneth. A esfera do direito engloba não só a criação de leis, de políticas públicas, mas também a efetivação dessas leis para que realmente haja o reconhecimento. O reconhecimento nessa esfera se dá com a junção teoria e prática, ou seja, a criação e a efetivação de leis. Por isso, quando as professoras ressaltaram a necessidade de políticas públicas para reverter os danos causados pela pandemia, na educação, deve-se pensar não só na criação dessas políticas, mas, também, na efetivação delas para que o reconhecimento seja realmente concretizado.

No entanto, é preciso pensar também na capacidade dos órgãos públicos de criarem e efetivarem as políticas. As políticas públicas educacionais no Brasil, são e sempre foram motivos de discussão no campo educacional, não só a falta delas, mas também a concretização das que já existem de forma adequada, havendo diversas cobranças nesse sentido. O grande problema, pelo que notamos, é a capacidade dos órgãos públicos de atenderem essas cobranças ou a falta dela. Existe a luta pelo reconhecimento, mas seus resultados vêm de maneira muito lenta quanto à essa problemática.

## **5.2. Professora**

Uma outra categoria que se mostrou a partir da análise de conteúdo foi “Professora”. Chamamos de Professora, no substantivo feminino, pois estamos nos baseando nos depoimentos de duas professoras. Nas falas vimos elas mencionarem suas atualidades durante o ensino remoto de 2020 e de como se sentiam pessoal e profissionalmente com o momento que estavam vivendo. Destacamos nessa categoria a

falta que elas sentiam dos alunos, o pensamento delas voltado para as famílias dos alunos e, também, a forma como elas se viam e estavam sendo vistas pelas outras pessoas. Ou seja, vemos as professoras olhando para si próprias e para os outros em um momento de dificuldade e adaptação para todos causado pela pandemia.

Diante dos relatos, a esfera do amor apareceu na relação que as professoras demonstram ter com seus alunos. É importante destacar que esta esfera, conforme proposta por Honneth, abrange o reconhecimento nas relações primárias da pessoa, em que o filósofo destaca os pais, os irmãos, os filhos e as relações amorosas. No entanto, ao nosso ver, as professoras podem ser vistas como membras dessa esfera em relação aos seus alunos, pois a relação professora-aluno acaba sendo uma relação primária também marcada por afetos e amor, como podemos ver nos relatos. Em parte deles, uma professora disse: “Eu gosto desse vínculo, desse vínculo aluno, professor e escola [...] Essa parte emocional, afetiva, faz muita falta [...] Eu sou carinhosa com a minha turma, muito amorosa”. Esse relato nos mostra o afeto existente entre a professora e seus alunos e a forma como ela sentiu falta da distância física ocasionada pela pandemia. Ele nos remeteu à esfera do amor, pois, como já mencionamos, ela envolve o reconhecimento nesse aspecto afetivo entre pessoas próximas.

Outro momento em que a esfera do amor apareceu foi quando a Professora S relatou como estava a relação com a família durante o período do ensino remoto. Ela afirma: “É meu horário de trabalho, eu entendo que tenho que ficar aqui... Mas, eu estou na minha casa, quem está na minha casa não entende que eu estou em horário de serviço [...] em casa não estamos 100% por conta de sala de aula. Então é bem estressante. ”

Entrelaçada à esfera do amor, a esfera da solidariedade também apareceu nos relatos nas professoras dentro dessa categoria. A esfera da solidariedade, como nos lembra Honneth, é o reconhecimento diante dos outros, sendo solidário e empático diante de pessoas não próximas. Nos relatos que vemos das professoras, essa esfera apareceu tanto com a concretização do reconhecimento, quando disseram: “Eu tive que assumir um papel meio de psicóloga [...] Eu senti um outro lado do aluno que eu não conseguia perceber antes”, e também a negação dessa esfera quando as professoras denunciaram a forma como estavam sendo vistas e tratadas como, por exemplo: “Eu tô em casa, aluno liga pra mim em chamada de vídeo, gente, na hora do almoço, de noite, de madrugada [...] Tá precisando ser ouvidos, nós precisamos falar, nós vamos adoecer” ou “Os alunos estão se sentindo pressionados e nós professores, com esse movimento aí de que a culpa é do professor, a gente tem se sentido muito exausto também”. Vemos que a esfera da



solidariedade aparece nessa nuance entre a sua concretização e a sua negação nas relações professora-aluno, professora-família e professora-sociedade.

Outra característica que apareceu nessa categoria foi a problemática envolvendo a individualidade. No processo de reconhecimento esta é necessária para que o indivíduo se reconheça enquanto sujeito de direitos e deveres. Mas é preciso que se tenha cuidado quando falamos em individualidade, pois ao mesmo tempo que ela se mostra importante na concepção do reconhecimento próprio, ela se mostra “perigosa” quando os indivíduos pensam apenas em si próprios, deixando de lado o reconhecimento do outro. Em relação às falas, vemos que a individualidade apareceu quando as professoras relataram o momento da pandemia em 2020 como forma de desenvolvimento pessoal e, também, pensando em como cada indivíduo, no caso as professoras e professores, foram responsáveis por seus trabalhos de forma mais individualizada, pois cada pessoa viveu o momento atípico de forma diferente. Elas disseram: “Um momento de desenvolvimento pessoal” e, também, “O comprometimento é individual [...] Qual a minha competência para avaliar um processo tão pessoal quanto a aprendizagem? [...] A questão do sujeito, do eu, ela tá cada dia mais evidente”. A individualidade que apareceu nos relatos, então, é voltada mais para a questão do reconhecimento de si próprio, não deixando de lado o outro, como vemos em outras partes das falas. Dessa forma, a categoria “Professora” foi constituída pelas falas em que as professoras apresentam seus próprios sentimentos, suas vivências, suas relações com o ensino remoto.

### **5.3. Pós-pandemia**

Diante dos apontamentos das professoras sobre o ensino remoto durante o ano de 2020, elas também relataram o que pensam sobre o pós-pandemia no âmbito da educação. Como o momento em que viviam era de incertezas, vemos nos relatos que ainda não possuíam muitas certezas sobre o que pode ou não acontecer no futuro educacional, no pós-pandemia. Por meio das falas, vemos como elas acreditam na importância de investimento na área da educação para amenizar os danos. Investimentos esses na área de preparação dos profissionais e de tecnologias. Além disso, viram como necessário a observação da realidade dos alunos após esse período, por meio de um diagnóstico, por exemplo.

A professora S relatou: “Nós vamos ter que averiguar, observar [...] o pós-pandemia vai ser assim, fazendo diagnóstico, olhando a realidade [...] Vai ter um baque bem grande por uns bons anos”. Outro exemplo: “Não sei o que vai ser feito pra amenizar

isso [...] Vai ter que investir muito [...] Nós temos que ser preparados [...] investir nas tecnologias”. Em outro momento ela nos diz: “[...] O pós pandemia, eu sinto que vai ser um pós férias. A gente vai ter que ficar fazendo levantamento do que de conhecimento que ficou para o aluno. Eu penso que vai ter que ser isso, né?! Nós vamos ter que averiguar, observar... Porque o aluno que o pai e a mãe é dedicado, [...], os alunos que são dedicados, [...], eles vão estar com conhecimento a mais. Mas, e o que não tiverem conhecimentos? O professor não vai poder ir muito pra frente, nós vamos ter que dar uma retomada”. Vemos, nesses recortes, que as professoras ainda não sabem muito bem o que pode ser feito quando passar esse período de pandemia e de ensino remoto, mas houve um direcionamento para o suporte dado pelas tecnologias, indicando uma abertura para que continuem a ser usadas. No entanto, elas sempre reafirmaram o quão difícil vai ser amenizar os prejuízos pedagógicos ocasionados e a necessidade de grandes investimentos em todos os âmbitos educacionais.

Acreditamos, a partir desses relatos, que ainda não sabemos como a educação funcionará após a pandemia. Mas, será necessário aliar o trabalho de gestores, professores, família, alunos, governo e toda a sociedade para que o desenvolvimento educacional ocorra de forma a garantir um bom trabalho pedagógico que recupere os danos causados por esse período pandêmico.

#### **5.4. Alunos**

Outra categoria que apareceu pela análise de conteúdo foi “Alunos”. Ela abrange as falas das professoras que envolvem suas percepções sobre a atualidade dos alunos diante do ensino remoto na pandemia no ano de 2020. É preciso ressaltar que essas percepções são as visões das professoras sobre seus alunos e sobre o que elas viram ao seu redor.

Nos relatos percebemos uma dualidade. Primeiramente, elas mostraram como os alunos estão tendo dificuldades com o ensino remoto, com a distância física dos colegas e dos professores, demonstrando até certa solidariedade e empatia com eles e o momento que estavam passando: “Não deram conta de lidarem com o distanciamento [...] sentem a falta do colega, do ombro amigo, da brincadeira na escola...”

Ao mesmo tempo, uma das professoras questionou a efetividade da aprendizagem ao afirmar que muitos alunos não estavam se dedicando da forma necessária nesse período, por exemplo: “E, eles estão nas redes sociais, lá no Face, mas eles não fazem nada [...] Os alunos estão fazendo atividade sentados na cama dormindo”. A professora S

continua: “Os alunos estão fazendo atividade sentados na cama dormindo, não tem ninguém sentado na mesa bonitinho no computador não, gente. São poucos, é a minoria. Aí fica lá elogiando a aula do professor, ninguém assiste”. A outra professora, no entanto, acredita que no ensino remoto os alunos não conseguiram esconder a dedicação que possuem: “No presencial eles estariam copiando do outro, e tapeando a gente [...] eles não conseguem tapear”. E ela completa: “O que a gente tem observado que a geração dos nossos alunos eles são informatizados, ele sabe mexer no celular, ele tem acesso à internet, mas eles não entendem da tecnologia. Para eles aplicar um Word, um Excel, isso é muito complexo. ”

Pelos relatos das professoras acerca dos alunos vemos que existem muitas observações diferentes. Acreditamos que isso acontece, pois cada aluno faz parte de uma realidade diferente e diante de um momento de dificuldade como o ensino remoto cada um se adaptou de uma forma, levando em conta o acesso, o apoio e os recursos que possuíam.

## **5.5. Educação**

Uma grande discussão que houve nos relatos das professoras foi sobre a atualidade da educação durante a pandemia, a necessidade ou não do cancelamento do ano letivo, a relação das professoras com a educação e as comparações entre a educação em tempos normais com a educação na pandemia. Nos relatos notamos a denúncia das professoras sobre as dificuldades da aula online, tanto em relação à aprendizagem quanto em relação ao próprio funcionamento dessas aulas.

A professora S nos relatou: “Bom a aula online pra reforço escolar, pro aluno ler alguma coisa todo dia, das atividades que ele já sabe retomar, mas é muito sério a matéria nova”. Em outro momento ela continuou: “Lá na sala de aula tem como eu tratar todos da mesma maneira...”. E continua em outro momento: “[...] Pra mim, essas atividades remotas agora, principalmente, eu não sei... A escola particular, desde o começo, ela já continuou levando as aulas para frente. Os professores que plataformas digitais, os alunos têm acesso. Quem não tá estudando, não tá estudando porque não quer [...] o terceiro ano eu tenho dó de quem tá nele, sabe... Eu não entendo muito de Ensino Médio, que eu nunca trabalhei, eu só trabalho com.... até o 5º ano, né. Mas, eu tenho dó de quem tá no terceiro ano...” A professora B já nos disse: “A gente consegue fazer a educação dá certo, se cada um assumir isso como uma forma de projeto de vida, profissional”. E continuou: “Nós não somos capazes de dimensionar a aprendizagem do aluno e, principalmente, essa

aprendizagem virtual [...] Nós estamos aceitando uma enganação que tá sendo chamada de aprendizagem?”.

Vimos, por meio das falas, como as professoras demonstraram preocupação com as dificuldades na educação causadas pelo ensino remoto na pandemia. Ao nosso ver, elas demonstraram não acreditar em uma real aprendizagem dos alunos nesse período, denunciando dessa forma o déficit que ficará para todos após a pandemia.

## **5.6. Acesso**

Como falar de ensino remoto e não questionar o acesso à internet? As falas das professoras denunciaram, em muitos momentos, a falta e a dificuldade de acesso de muitos alunos e mesmo dos próprios professores, os quais precisaram reinventar suas formas de ensinar; muitos precisaram atualizar seus conhecimentos sobre tecnologia para oferecerem aulas e acompanhamentos para os alunos. Já os alunos, que vivem em diversas realidades, precisaram ou que os responsáveis comprassem um celular, um plano de internet ou deixaram de participar das aulas por não terem acesso à um celular, à internet ou ao computador.

A professora S relatou, em várias passagens, essa falta e/ou dificuldade de acesso dos alunos, como, por exemplo: “Meus alunos não vão assistir aula porque não têm internet pra isso [...] não têm computador em casa, têm só o celular da mãe e do pai”. E continuou: “A mãe comprou um celular, a família comprou um celular, comprou dados móveis, para poder participar das aulas, senão eles nem poderiam participar”. E ainda, falando sobre alguns alunos: “Onde eles moram não dá, não tem área nem se eles quiserem ter. [...] Não tem celular que acessa a internet. Então isso ficou muito complicado”.

A falta e dificuldade de acesso à tecnologia, à internet e aos materiais necessários para o ensino abrangem várias problemáticas dentro da sociedade. Podemos pensar, por exemplo, à falta de efetivação da política pública que garante uma educação de qualidade para todos e todas, como previsto pela Constituição Brasileira de 1988 e pela Lei nº 9.394 de 1996. Pois, se considerarmos tal política pública então deveria ter sido oferecido a todos os alunos os materiais necessários para assistirem e participarem das aulas durante o ensino remoto de 2020. A esfera jurídica, proposta por Honneth, como vimos, nos fala da importância da criação e efetivação das leis que garantem os direitos e deveres de cidadania. Ao olharmos para essa falta e/ou dificuldade de acesso acreditamos então na

falta de reconhecimento causado pela não efetivação de políticas públicas no momento de ensino remoto na pandemia.

Outra problemática que merece ser discutida, também dentro da categoria “Acesso”, é a diferença de realidade entre os alunos. Existem alunos que possuem condições financeiras, emocionais e estrutura (acompanhamento dos pais e de professores particulares, por exemplo) para participarem das aulas e das atividades remotas propostas pelo ensino na pandemia. No entanto, existe uma maioria considerada minoria que ou possui dificuldade de acesso ou até mesmo nenhum acesso às aulas remotas devido às poucas condições financeiras, às localidades remotas, à falta de estrutura familiar e entre outras condições. Ao nosso ver, o ensino remoto na pandemia mostrou ainda mais as diferenças sociais existentes na sociedade brasileira.

E, por fim, é necessário questionar também como Honneth, em sua teoria, não reflete sobre a falta e a dificuldade material. Na sua teoria do reconhecimento em nenhum momento ele questiona a falta de acesso material que permeia a vida de muitas pessoas. Acreditamos que essa falta pode ser considerada um fator que nega reconhecimento às pessoas, pois elas ficam à mercê, como, por exemplo, de uma educação digna. Em sua obra sobre a reificação, Honneth critica Lukács por apontar a reificação como um “fetichismo de mercadorias”, dizendo que ele se preocupa apenas com o problema material. No entanto, Honneth ao criticar Lukács não questiona esse problema material, que também é um causador da negação do reconhecimento. Lukács, apesar de não apontar outros modos de reificação, como diz Honneth, problematiza o “fetichismo de mercadorias” que é sim um causador de não reconhecimento quando tratamos da questão material, seja a falta ou a dificuldade de acesso. Assim, a crítica de Honneth à Lukács acaba por ser um déficit em sua teoria, já que ele não a problematiza.

## **5.7. Diferença**

A próxima categoria que ficou evidente para nós foi “Diferença”. Como analisar os relatos das professoras sem questionar as diferenças individuais e sociais que permeiam a sociedade brasileira? Como pensar a educação, seja em tempos de pandemia ou em tempos normais, sem pensar nas diferentes realidades vividas pelos alunos?

A sociedade brasileira, como sabemos, é marcada por diversas culturas, raças, religiões e por pessoas com condições sociais diferentes. Assim, pensando a escola como um reflexo da sociedade na qual ela está inserida, e vice-versa, também podemos falar em uma escola com essas diferenças.

Com a pandemia causada pelo novo coronavírus, vimos, pelos relatos das professoras, como as desigualdades ficaram ainda mais acentuadas na sociedade como um todo e, também, na educação. Nas falas, as professoras disseram, por exemplo: “O Brasil é muito grande, nossa realidade é muito diferente [...] muitas realidades diferentes, né [...] tá gritante a diferença social”. É relatado por S: “[...] os nossos políticos, a secretaria de educação aí tem que escutar, tem que ver o que que pode ser feito. Porque a diferença social é enorme, gente. Só aqui, com o depoimento da mãe da aluna da escola particular, olha que diferença, eles têm plataforma, têm aula digital, o professor apresenta aula diferente, o professor apresenta aula, é uma realidade totalmente diferente”.

Acreditamos que a pandemia serviu para expor ainda mais os problemas sociais, econômicos e materiais existentes. No Brasil, por exemplo, a educação já era marcada por alunos com diferentes condições econômicas e sociais. Com a pandemia essas diferenças ficaram ainda mais nítidas porque muitos alunos precisaram trabalhar devido à crise financeira e outros não tinham acesso aos equipamentos para participarem das aulas remotas.

A teoria do reconhecimento, do Axel Honneth, pode servir, como já vimos, como aporte teórico para pensarmos em uma educação e, conseqüentemente, em uma sociedade mais justa e menos desigual. As diferenças precisam ser reconhecidas como parte importante da sociedade, mas também tratadas com justiça, tendo seus direitos e deveres garantidos.

## **5.8. Solidariedade**

Por fim, a última categoria é “Solidariedade”. As falas das professoras são marcadas por momentos de empatia, nas quais elas expressaram seus olhares sobre o outro e demonstraram gratidão por terem um momento de “desabafo”.

Essa categoria nos remeteu, como o próprio nome diz, à esfera da solidariedade, de Honneth. Em tal esfera o reconhecimento é efetivado quando as pessoas se reconhecem mutuamente devido às suas condições de viverem em uma mesma sociedade, independentemente de serem pessoas próximas ou não. Assim, ela é marcada pela solidariedade, pela empatia entre as pessoas. Da mesma forma, o não reconhecimento nessa esfera é marcado pela perda da dignidade pessoal, quando as pessoas não se solidarizam umas com as outras, por exemplo.

Os relatos das duas professoras são marcados constantemente pela solidariedade entre as pessoas, como, por exemplo: “Ô mãe, eu te entendo [...] aí você tem que pensar

com carinho na mãe que não é pedagoga”. E: “Eu tenho dó de quem tá no terceiro ano...”. Ao mesmo tempo, elas também denunciam em suas falas uma falta de empatia, do olhar do outro sobre o momento que elas estão passando, como: “As pessoas não têm noção da imensidão do que está sendo isso tudo pra gente como pai, como professor e, também, como família”.

Podemos perceber que os discursos das professoras são marcados tanto pela efetivação da esfera da solidariedade como também pela negação dessa própria esfera, em outros momentos. É necessário pensar como a pandemia fez com que a ideia de solidariedade ficasse ainda mais evidente, por se tratar de um momento difícil e novo para todas as pessoas. Por isso, também, surge a necessidade de pensar a importância da esfera da solidariedade em um momento como esse, no qual o reconhecimento mútuo entre as pessoas se faz ainda mais necessário, devido à todas as perdas e dificuldades que as pessoas passaram e ainda estão passando.

Por fim, é necessário ressaltar que todas as categorias, levantadas pela análise de conteúdo proposta pela Laurence Bardin e efetivada nesse trabalho, são entrelaçadas, marcadas por pontos de encontro e de discussões em comum. Ao mesmo tempo, a teoria do reconhecimento de Honneth também se fez presente nos relatos das professoras, nos quais podemos ver o entrelaçamento das esferas do reconhecimento, que não existem sozinhas, uma depende da outra para que realmente haja um reconhecimento efetivo do indivíduo. Isso é notado na forma como elas apareceram nas falas, podendo remeter a mais de uma esfera ao mesmo tempo. As categorias e as esferas se encontram, então, entrelaçadas, unidas por pontos de proximidade e de afastamento, todas marcadas pelos ideais de reconhecimento, seja por sua efetivação e/ou negação.

A teoria do reconhecimento de Axel Honneth, com suas esferas (amor, direito e solidariedade) e a luta pelo reconhecimento, pode ser considerada, ao nosso ver, mais que uma teoria social normativa, como proposta por ele, isso porque ela está presente em uma educação e em uma sociedade que são concretas, como vimos pelos relatos das professoras. Assim, mais do que teoria do reconhecimento, ousamos dizer prática do reconhecimento.

## 6. Considerações finais

Esta pesquisa foi desenvolvida com a intenção de entender como a teoria do reconhecimento de Axel Honneth esteve presente no campo educacional durante a pandemia causada pelo coronavírus, no ano de 2020. Dessa forma, buscamos responder às seguintes questões de pesquisa: “as esferas do reconhecimento de Axel Honneth são observadas no discurso de professoras da educação básica frente ao tipo de ensino remoto imposto pela Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais devido à quarentena causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2)? Quais esferas se revelam e quais são negadas?”

Para responder tais questões, primeiramente buscamos apresentar o que é a teoria do reconhecimento de Axel Honneth. Vimos, que Honneth apresenta a teoria do reconhecimento como uma teoria social normativa que precisa estar no cerne das relações sociais, para que as identidades dos indivíduos possam ser construídas a partir do reconhecimento próprio e do outro. Além disso, o filósofo também propõe um reconhecimento prévio a qualquer tipo de conhecimento, um reconhecimento genuíno que garanta a não objetificação das pessoas.

Entendendo, então, o conceito de reconhecimento foi possível notar a sua importância para o campo educacional, conforme o que apresentamos por meio dos trabalhos educacionais que relacionam Honneth com a área da educação. Mas, e diante do novo? Diante de uma pandemia? Como podemos relacionar teoria do reconhecimento e educação ao pensar o ensino remoto causado pela pandemia do coronavírus no ano de 2020? Na tentativa de responder nossas questões de pesquisa analisamos os relatos de duas professoras de Minas Gerais que apontaram seus olhares sobre a educação na pandemia.

Com a análise de suas falas, chegamos a algumas conclusões que nos apontaram como as esferas do reconhecimento foram expressas durante o ensino remoto na pandemia, por meio das relações entre alunos e professoras, alunos e famílias, famílias e professoras, sociedade e alunos e sociedade e professoras. Assim, percebemos essas esferas nas falas das professoras (amor, direito e solidariedade), em uma associação, uma dependendo das outras, em uma troca de reconhecimento e muitas vezes a sua negação.

Acreditamos que o filósofo apresenta as esferas do reconhecimento como esferas que apesar de dependerem umas das outras, possuem campos de atuação diferentes, assim elas possuem o mesmo grau de importância dentro da luta por reconhecimento dos



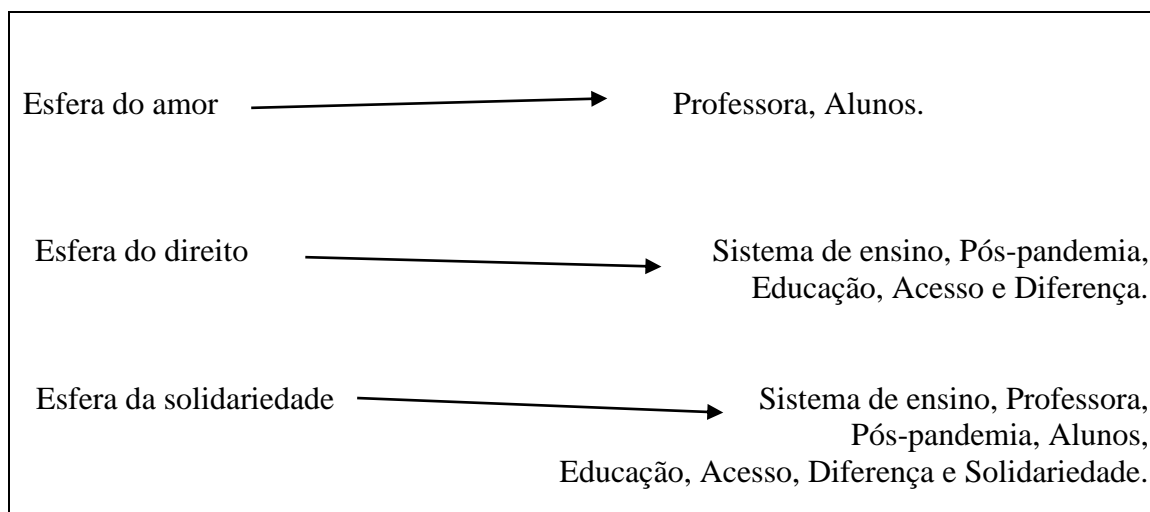
sujeitos. No entanto, a partir da nossa análise percebemos que algumas esferas aparecem mais intensamente em algumas relações, como vimos nos depoimentos das professoras. A esfera do direito aparece guiando todo o sistema escolar e todas as relações legais que envolvem o ensino. As esferas do amor e da solidariedade aparecem mais interligadas e presentes nas relações entre as professoras, os alunos, as famílias e a sociedade.

Ademais, a partir das categorias levantadas foi possível notar como as esferas no reconhecimento apareciam nessas categorias e, conseqüentemente, nos depoimentos das professoras. A categoria “Sistema de ensino” foi marcada principalmente pelas esferas do direito e da solidariedade, mostrando uma negação do reconhecimento partindo do sistema de ensino para as professoras e alunos. Em “Professora” as esferas da solidariedade e do amor foram as mais evidenciadas, mostrando um afeto das professoras com seus alunos e a efetividade da esfera da solidariedade nas relações delas com as famílias dos alunos e a negação nessa mesma esfera por parte da sociedade. Na categoria “Pós-pandemia” ficou evidente as esferas do direito e da solidariedade como esferas que precisam ser efetivas no pós-pandemia, a partir dos investimentos que serão necessários e da empatia entre as pessoas, entre escola-alunos e escola-família, segundo as professoras.

A partir dos depoimentos também surgiu a categoria “Alunos”, marcada pela visão das professoras sobre suas realidades durante o ensino remoto. Vemos uma dualidade entre o reconhecimento e o não reconhecimento na esfera da solidariedade em relação às professoras com seus alunos. Elas relataram atitudes de empatia com o que eles passavam, mas também acreditavam que muitos não estavam fazendo as atividades. Em “Educação” as esferas destacadas foram a do direito e da solidariedade, apresentando tanto a negação quanto a efetividade do reconhecimento, como quando mencionaram, por exemplo, sobre as diferenças entre o ensino remoto nas escolas públicas e privadas.

Nas categorias “Acesso” e “Diferença” as esferas que mais apareceram também foram a do direito e da solidariedade, tanto sendo efetivadas quanto negadas. Chamamos atenção, por exemplo, na falta de material necessário que muitos professores e alunos tiveram durante o ensino remoto, destacando as diferenças sociais existentes que ficaram mais exacerbadas na pandemia. E, por fim, na categoria “Solidariedade”, como o próprio nome diz, ficou exaltada a esfera da solidariedade, tanto sua efetividade quanto sua negação, exemplificada com enunciados em que as professoras relatavam suas relações com as famílias dos alunos, com os próprios alunos e com a sociedade no geral. Podemos ver uma conexão entre as categorias e as esferas na Figura 1.

Figura 1 – As relações entre as categorias de análise e as esferas do reconhecimento



Fonte: autoria própria a partir da análise de dados, 2022.

Dessa maneira, é importante salientar que a teoria do reconhecimento de Axel Honneth nos pareceu ser uma teoria que se concretiza na educação, nas relações dos agentes educacionais e no próprio ensino. Esse reconhecimento pode aparecer sendo negado, quando o sistema escolar, pelo olhar das professoras, falha com suas políticas públicas, por exemplo, mas, também, existe a efetividade desse reconhecimento quando professores e alunos conseguem construir uma aprendizagem pautada em uma educação democrática.

A partir das relações entre os depoimentos das professoras e a teoria do reconhecimento, percebemos que o filósofo Honneth deixa uma lacuna aberta em suas reflexões ao não discutir sobre a importância material na vida das pessoas. Durante a pandemia e o ensino remoto ficou ainda mais evidente a necessidade das pessoas de possuírem acesso à internet e aos equipamentos, como computador e/ou *smartphones*, para conseguirem participar das atividades escolares. A teoria do reconhecimento, ao nosso ver, precisa abranger a luta por condições materiais mínimas para toda a sociedade, pois, como vimos, a parte material tem a sua importância. Ela garante o acesso aos direitos básicos, como uma educação de qualidade, ao pensarmos no ensino remoto.

Os relatos também nos mostraram um anseio das professoras por reconhecimento, diante de algo novo como o ensino remoto na pandemia. Chamamos de anseio e não de luta, pois, como mencionamos, a luta por reconhecimento são as ações dos movimentos e/ou grupos sociais em busca da garantia dos direitos. No entanto, o que precede a luta é justamente o anseio, ou seja, a aflição e a angústia em perceber a realidade vivida, na qual

o reconhecimento é negado. Assim, nos depoimentos notamos esse desejo angustiante por reconhecimento partindo das professoras.

É válido ressaltar que nossa pesquisa se baseou na análise das falas de duas professoras apenas. Isso mostra que os resultados são um recorte da situação educacional do Brasil diante da pandemia. No entanto, os relatos foram suficientes para responder às nossas questões de pesquisa. Com as análises feitas foi possível dimensionar como a educação no Brasil sempre sofreu com a falta de políticas públicas e a concretização delas, com a desvalorização dos professores e outros profissionais educacionais e com as desigualdades presentes dentro das escolas. Ao mesmo tempo, em um cenário no qual a educação é desvalorizada, existem muitos profissionais, famílias e alunos que se dedicam em busca de uma educação que seja libertadora, democrática e que garanta aprendizagem.

Dessa forma, acreditamos que esta pesquisa serviu e ainda servirá como um meio para que o Estado, o sistema escolar, os agentes educacionais, os alunos e a sociedade no seu todo entendam a importância de existir um reconhecimento efetivo dentro do campo educacional, tanto na teoria quanto na prática, por meio de políticas públicas concretas que atendam à todas as pessoas, levando em conta suas individualidades e diferenças. Ao existir um reconhecimento genuíno em todos os níveis da educação estaremos preparados para enfrentar todas as adversidades que possam vir a acontecer, como foi a pandemia, por exemplo.

Ademais, gostaríamos de ressaltar que durante as leituras para o desenvolvimento dessa pesquisa nos deparamos com uma grande proximidade entre a teoria do reconhecimento e o multiculturalismo. Infelizmente, neste trabalho não coube uma discussão que fosse para além do reconhecimento durante a educação na pandemia. Mas, acreditamos que para uma próxima pesquisa a relação entre multiculturalismo e reconhecimento dentro da educação merece ser discutida.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria de Lourdes Pinto de e SILVA, Sidney Reinaldo. Inclusão, reconhecimento e políticas educacionais no Brasil. **Espaço Pedagógico**, vol. 19, nº 2. Passo Fundo, jul./dez. 2012, p. 300-313.
- ANDRADE, Maria M. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Trad. de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Portugal: Edições 70, 1977.
- \_\_\_\_\_. **Análise de Conteúdo**. Trad. de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BUNCHAFFT, Maria Eugênia. Habermas e Honneth: leitores de Mead. **Sociologias**, vol. 16, nº 36. Porto Alegre, mai/ago. 2014, p. 144-179.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão. Ser professor hoje: novos confrontos entre saberes, culturas e práticas. **Revista Educação**, vol. 37, nº 1. Porto Alegre, jan/abr. 2014, p. 33-41.
- \_\_\_\_\_. Diretos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. **Revista Brasileira de Educação**, vol. 13, nº 37, jan/abr. 2008, p. 45-57.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão e KOFF, Adélia Maria Nehme Simão. A Didática Hoje: reinventando caminhos. **Educação e Realidade**, vol. 40, nº 2. Porto Alegre, abr/jun. 2015, p. 329-348.
- DALBOSCO, Claudio Almir. Reificação, reconhecimento e educação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, n. 46, Passo Fundo, p. 33-49, jan. /abr. 2011.
- FLICKINGER, Hans-Georg. A teoria do reconhecimento na práxis pedagógica: a exemplo de conflitos entre diretrizes ético-morais. **Espaço Pedagógico**, vol. 18, nº 2. Passo Fundo, jul./dez. 2011, p. 220-233.
- FLICKINGER, Hans-Georg. Os graus do reconhecimento social. A crítica de um conhecimento chave a partir de G. W. F. Hegel. **Civitas**, vol. 8, nº 1. Porto Alegre, jan/abr. 2008, p. 80-93.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. Org. Ana Maria Araújo Freire. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

GUIMARÃES, Matheus de Oliveira e VIANA, Aline Nunes. A educação como pressuposto para o exercício da cidadania: políticas públicas, inclusão e individuação na Teoria do Reconhecimento de Axel Honneth. *SynThesis Revista Digital FAPAM*, vol. 8, nº 8. Pará de Minas, dez. 2017, p. 15-31.

HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do Espírito**. Trad. de Paulo Meneses e Karl-Heinz Effen. 2 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1992.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: A gramática moral dos conflitos sociais**. Trad. de Luiz Repa. São Paulo: Editora 34, 2003.

\_\_\_\_\_. Observações sobre a reificação. *Civitas*, v. 8, n. 1, Porto Alegre, p. 68-79, jan./abr. 2008.

\_\_\_\_\_. **Reificação: um estudo da teoria do reconhecimento**. Trad. de Rúnion Melo. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

\_\_\_\_\_. Educação e esfera pública democrática. *Civitas*, vol. 13, nº 3. Porto Alegre, set./dez. 2013, p. 544-562.

MARTINS, Maurício Rabelo. Teoria do reconhecimento de Axel Honneth e educação: observações introdutórias. **Interfaces: Educação e Sociedade**, Passo Fundo, 2014, p. 35-47.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 9-29.

NETO, José Aldo Camurça de Araújo. A influência hegeliana do reconhecimento em Charles Taylor e Axel Honneth na contemporaneidade. **Revista Dialectus**, ano 5, nº 12, jan./jul. 2018, p. 400-418.

O PREFIXO “RE-”. **Só Português**, 2007-2021. Disponível em: <[https://www.soportugues.com.br/secoes/FAQresposta.php?id=126#:~:text=De%20origem%20latina%2C%20o%20prefixo,\(pensar%20novamente\)%2C%20etc.>](https://www.soportugues.com.br/secoes/FAQresposta.php?id=126#:~:text=De%20origem%20latina%2C%20o%20prefixo,(pensar%20novamente)%2C%20etc.>)>. Acesso em maio de 2021.

PINHEIRO, Paulo César e BAPTISTA, Geisla Costa Santos. Em busca de referências culturais para a educação científica. In: BAPTISTA, Geisla Costa Santos; PINHEIRO, Paulo César e FARIAS, Luiz Márcio Santos (org.). **Educação Científica por meio da interculturalidade de saberes e práticas**. Salvador: EDUFBA, 2021, p. 9-29.

PORTELLA, Sergio. A Política do Reconhecimento em Hegel e Charles Taylor. **Theoria – Revista Eletrônica de Filosofia**, vol. IV, nº 11. Pouso Alegre, p. 102-120.

PRETOS OU PARDOS ESTÃO MAIS ESCOLARIZADOS, MAS DESIGUALDADE EM RELAÇÃO AOS BRANCOS PERMANECE. **Agência IBGE Notícias**, 13 de novembro, 2019. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/25989-pretos-ou-pardos-estao-mais-escolarizados-mas-desigualdade-em-relacao-aos-brancos-permanece>>. Acesso em maio de 2021.

QUAL A ORIGEM DA PALAVRA “RECONHECIMENTO”? **Origem da Palavra**, 29 de maio, 2005. Disponível em: <<https://origemdapalavra.com.br/pergunta/pergunta-506/>>. Acesso em maio de 2021.

RIOS, Dermival Ribeiro. **Minidicionário escolar de língua portuguesa**. São Paulo: DCL, 2009.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos**. São Paulo: Atlas, 1976.

SELVERO, Caroline Mitidieri. O não reconhecimento do outro e a educação: a reificação de Axel Honneth. In: SOUSA, Ivan Vale (org.). **Letras, Linguística e Artes: Perspectivas críticas e teóricas**. Ponta Grossa: Atena, 2019, p. 164-174.

SILVA, Larissa Tenfen. O multiculturalismo e a política de reconhecimento de Charles Taylor. **Estudos Jurídicos**, vol. 11, nº 2, jul./dez. 2006, p. 313-322.

TAYLOR, Charles. A política do reconhecimento. In: TAYLOR, Charles. **Argumentos Filosóficos**. Trad. de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Loyola, 2000, p. 241-274.

TAYLOR, Charles. A consciência de si. In: TAYLOR, Charles. **Hegel: sistema, método e estrutura**. Trad. de Nélío Schneider. São Paulo: É Realizações, 2014, p. 176-198.

TREVISAN, Amarildo Luiz, ROSATTO, Noeli Dutra. Reificação e reconhecimento: reflexões para a pesquisa em educação. **Linhas Críticas**, v. 16, n. 31, Brasília, p. 275-286, jul. /dez. 2010.

## APÊNDICE – Falas das professoras

As falas foram transcritas literalmente.

Professora S

(Professora do Ensino Fundamental, avó de duas crianças do Ensino Fundamental anos iniciais e mãe de aluna do Ensino Médio).

P. pede para S iniciar sua fala.

S: “O que vocês querem saber?”

P: “A ideia é ouvir tudo o que você tem para falar sobre o ensino remoto.”

S: “Olha, Paulo, vocês já devem ter visto no whatsapp aquelas fotos de professora na pandemia... com um monte de mão, copo na mão, criança na outra, espanador na outra, celular na outra, cada mão com uma coisa. Vocês já viram essa foto?”

A. L.: “Já! Era da mãe e eles adaptaram pros professores na pandemia.”

S: “Aquela foto é a nossa realidade atual, porque nós estamos em casa trabalhando no nosso horário de serviço. No caso, eu trabalho de manhã, eu tenho que estar disponível no meu celular, no meu whatsapp de oito a meio-dia, por conta de responder pai e mãe e postar atividades pros alunos. [...]”

S: “É meu horário de trabalho, eu entendo que tenho que ficar aqui... Mas, eu estou na minha casa, quem está na minha casa não entende que eu estou em horário de serviço [...] em casa não estamos 100% por conta de sala de aula. Então é bem estressante.”

S: “Vocês são as primeiras pessoas que perguntam pra mim como que estou me sentindo.”

S: “[...] as atividades do PET foram nos enfiadas guela abaixo [...] tem atividades totalmente sem nexos, pra mim tem. Eu sou professora há 26 anos, eu fiz mídias na UFSJ, eu achei que ia arrasar, tem nada a ver. [...] a mãe que está em casa não é pedagoga, aí você tem que pensar com carinho na mãe que não é pedagoga.”

S: “[...] a nossa parte como mediador está sendo jogada por água abaixo, não estamos mediando nada [...] como que media pelo whatsapp, pelo face? Eu nem sei se foi meu aluno que fez a atividade...”

S: “Eu tô em casa, aluno liga pra mim em chamada de vídeo, gente, na hora do almoço, de noite, de madrugada... O grupo tá fechado, mas eles têm acesso ao número [...] outro dia eu atendi a menina: “ô tia, você comprou bala pra levar pra escola?” Era 10 e meia da noite, eu levei o maior susto com a chamada de vídeo dela, era mais de meia-noite...”

S: “Então, assim, as pessoas não têm noção da imensidão do que está sendo isso tudo pra gente como pai, como professor e também como família[...].”

S: “No Estado, cada professor tá num lugar, uns tão no classroom, uns no whatsapp, outros no face, no instagram, uns é e-mail, aula online. Aí a minha filha, que tem 10,11



matérias, não sei, fica perdida [...] gente, é uma loucura, a gente que entende um pouco de informática consegue socorrer, e quem não entende? ”

S: “[...] outro dia nós tivemos uma conversa aqui, ela chegou perto de mim chorando: “ó mãe, não quero mais fazer isso, não vou, não tô aprendendo, é tudo mentira, tudo faz de conta. O professor não tá nem aí, eles não corrigem, eu não sei se a resposta está certa. Mãe, eu não quero estudar, eu quero sair. Ano que vem eu volto e faço o segundo ano”. Eu falei que ela não podia fazer isso: “minha filha, você é menor, lá na escola se não fizer nada daqui umas duas semanas o Conselho Tutelar tá batendo aqui na nossa porta” [...]”

S: “[...] gente, por que não anula isso tudo? ”

S: “[...] eu gosto desse vínculo, desse vínculo aluno, professor e escola. Porque a nossa mente, se a gente não buscar conhecer novas coisas sempre ela fica preguiçosa, né?! [...] Então, é muito bom a aula online pra reforço escolar, pro aluno ler alguma coisa todo dia, das atividades que ele já sabe retomar, mas é muito sério a matéria nova [...]”.

S: “Eu no momento, até agora, eu como professora, eu assumi o PET, porque eu tenho que engolir ele, então eu ensino meus alunos da melhor maneira possível, e as atividades que eu ainda estou dando, no momento, já lá vai 3 meses, é atividades de revisão. Porque, no momento, o que é importante é meu aluno não esquecer o que ele aprendeu...”

S: “Eu falo muito viu gente, mas assim, é um desabafo bem grande tudo isso que a gente tá passando, é muito difícil, a gente tá precisando ser ouvidos, nós precisamos falar e o povo não tá ouvindo, nós vamos adoecer [...]”

S: “[...] essa parte emocional, afetiva, faz muita falta [...] eu sou muito carinhosa com a minha turma, muito amorosa (emocionada)... Eu tô sofrendo porque eu não queria uma profissão pra trabalhar um do lado, outro do outro, longe. Eu queria uma coisa de perto. Então, o povo tem que tomar cuidado, nós vamos tudo adoecer [...]”

S: “[...] E os alunos devem estar sofrendo também, sabe por quê? Eu tenho um aluno da rede estadual e eu gosto muito dele, e ele fica assim... como que é gente... a mãe dele fala assim: “Por que você gosta de aprender na escola? ” “Porque a professora fala comigo assim: ‘aqui menino, é assim, assim e assim’ (disse com calma). Aí mãe, aqui em casa, a senhora, quando eu te pergunto, fala: ‘é isso aí, menino, vai, acabou...’” (disse afobada). Eu dou risada, porque é isso que acontece, eu sei porque eu sou mãe, nós não temos paciência com nossos filhos. ”

S: “[...] tem mãe que manda áudio pra mim: “Simone, ela não quer fazer hoje não. ” Aí eu falo assim: “ô mãe, eu te entendo. Conversa com ela, tenta outro horário, quando ela tiver mais disposta, mas a rotina escolar, um horário pra ela estudar é muito importante, tenta mais tarde”. É o que eu falo, porque, eu vou falar o que pra mãe? ”

Questionada sobre ser a favor do cancelamento do ano letivo ela responde:

S: “Quando eu falo de cancelamento, gente, isso teria que ter sido uma atitude drástica do poder político no início. Agora, agora não tem mais como fazer isso agora, não tem mais jeito [...] Agora não tem mais, não tem mais como, e a nossa realidade aqui, o Brasil é muito grande, nossa realidade é muito diferente. ”

S: “Nós temos os alunos de escola particular, o meu irmão trabalha em duas escolas da rede particular em Lafaiete, na universidade e numa escola, das melhores de lá, Colégio Nazaré [...] Então assim, eles vão ficar desempregado? Como que vai fazer? Não tem jeito, não tem lógica isso, não tem jeito [...]”

S: “[...] os nossos políticos, a secretaria de educação aí tem que escutar, tem que ver o que que pode ser feito. Porque a diferença social é enorme, gente. Só aqui, com o depoimento da mãe da aluna da escola particular, olha que diferença, eles têm plataforma, têm aula digital, o professor apresenta aula diferente, o professor apresenta aula, é uma realidade totalmente diferente. ”

S: “Eu, professora, se eu quiser fazer isso eu consigo fazer, mas meus alunos não vão assistir aula porque eles não têm internet pra isso. Eles não têm computador em casa, eles têm só o celular da mãe e do pai. Eu tenho aluno que a mãe comprou um celular, dois alunos meus que a família comprou celular, comprou dados móveis, né, sei lá o que eles fizeram lá, para poder participar das aulas, senão eles nem poderiam participar. E, tem gente que não está participando porque não tem, não tem, não tem acesso mesmo, onde eles moram não dá, não tem área nem se eles quiserem ter. ”

S: “[...] então, assim, a nossa realidade é muito diferente, é muito gritante, a Luiza tá aqui (filha), a sala dela tem mais de 30 alunos. Tem uns oito alunos que não fazem nada, nada. E, eles estão nas redes sociais, lá no face, mas eles não fazem nada[...] Então, assim, isso também depende das prioridades das famílias, né?! Qual é a prioridade? Qual é a educação, os conceitos que eles têm, qual a cultura deles? [...]”

S: “E, nós, professores, na sala de aula, aí tá diferença, lá na sala de aula tem como eu tratar todos da mesma maneira, ali dentro, da sala de aula, não adianta ter o melhor o melhor celular, não adianta ter o melhor computador, não adianta ter a melhor internet. Ali comigo é aprendizado do dia a dia, aí, ali a educação está igual, apesar de na escola pública ser de um jeito e na particular de outro [...]”

S: “[...] eu creio que as políticas públicas têm que estudar uma maneira de... eu acho, que esse ano tem que ser igual eu falei com vocês, uma recordação, para não perder o vínculo escolar, a rotina de estudo, isso tudo teria que ser feito [...]”

S: “[...] assim, eu vejo muito, eu acompanho o Facebook da secretaria de educação, A. não me xinga não, que eu sei que você é funcionária de lá, é gente, o Face da secretaria de educação, dá até vontade de deletar eles. Aquilo ali é uma mentira, eles postam umas mentiras tão grandes, tão grande, que é revoltante para a gente que trabalha, para minha filha, que tá aqui do meu lado, que estuda na estadual...”

S: “Os alunos estão fazendo atividade sentados na cama dormindo, não tem ninguém sentado na mesa bonitinho no computador não, gente. São poucos, é a minoria. Aí fica lá elogiando a aula do professor, ninguém assiste. E, tem aula ali errada, o professor tá dando conceito errado em rede nacional, fazendo errado. E, assim, o meu irmão me mostrou duas aulas de física, ele me provou que tava errada e passou quatro dias a aula foi tirada lá do negócio lá, eles tiraram [...]”

Questionada sobre como ela acha que vai ser o pós-pandemia:

S: “[...] O pós pandemia, eu sinto que vai ser um pós férias. A gente vai ter que ficar fazendo levantamento do que de conhecimento que ficou para o aluno. Eu penso que vai ter que ser isso, né?! Nós vamos ter que averiguar, observar... Porque o aluno que o pai e a mãe é dedicado, igual eu vi que a Analu é, os alunos que são dedicados, igual eu vi que a Laura é, né, eles vão estar com conhecimento a mais. Mas, e o que não tiverem conhecimentos? O professor não vai poder ir muito pra frente, nós vamos ter que dar uma retomada.”

S: “Eu acho que o pós pandemia vai ser assim, com a gente fazendo diagnóstico, olhando a realidade. Eu creio que a gente vai ficar com baque bem grande por uns bons anos, eu chuto uns 10 anos. Eu creio que a minha neta, meu neto, eles ainda vão recuperar, o baque, mas a minha filha aqui, do segundo grau, o baque dela vai ficar perdido mesmo, ela vai ter que fazer por ela. Porque não vai ter como ela ela repor quase um ano de aula se ano que vem ela já vai tá no terceiro, né [...]”

S: “[...] Pra mim, essas atividades remotas agora, principalmente, eu não sei... A escola particular, desde o começo, ela já continuou levando as aulas para frente. Os professores que plataformas digitais, os alunos têm acesso. Quem não tá estudando, não tá estudando porque não quer [...] o terceiro ano eu tenho dó de quem tá nele, sabe... Eu não entendo muito de Ensino Médio, que eu nunca trabalhei, eu só trabalho com... até o 5º ano, né. Mas, eu tenho dó de quem tá no terceiro ano...”

S: “Eu juro para você que eu não parei para pensar nisso não, é, a solução que eu arrumei, que eu falei que eu dei para minha filha aqui que foi: “Luiza estuda, minha filha, e passa, não vai perder um ano da sua vida não. Lá no que vem, você faz um integral. Eu vou fazer de tudo, eu como professora, como uma aí já citou, nós não temos um salário que nos ajude, né?! Mas, vou fazer das tripas coração e vou pagar pra ela fazer o integral. Mas vai ser pago, porque no público não tem. ”

S: “Então, a solução seria, no momento, no terceiro ano, seria a rede pública, e aí todo mundo oferecer para eles, na hora do retorno, aí vai ser sacrificante, aí vai ter que todo mundo usar... ter consciência quem quer mesmo estudar, quem quer mesmo resgatar o ano para não perder, e fazer um intensivo, manhã e tarde, eles têm que estudar... Eles têm que ser, eu não acho outra solução por terceiro ano [...]”

S: “[...] Eu só quero agradecer, foi muito, foi muito, assim... Aí gente, perdi a palavra aqui agora. Foi muito importante para mim, porque eu vi aqui hoje, porque a gente viu várias pessoas... É um estudo de caso seríssimo isso daí, dá até uma análise de doutorado viu Adriana. Porque é muito abrangente, muito, muitas realidades diferentes, né?! Eu quero agradecer oportunidade, foi muito rico, é muito rico tudo que eu ouvi aqui hoje [...]”

S: “E, parei muito para pensar, viu, na minha ideia... Porque eu realmente estava muito, eu estou muito revoltada com esse sistema de ensino. Porque, tá gritante a diferença social, as diferenças, tá muito grande. ”

S: “Então, assim, eu não sei o que vai ser feito pra amenizar isso, o pós pandemia, o que vai ser feito. Mas, vai ter que ser injetado, eu acho que vai ter que investir muito, para que isso seja amenizado. Vai ter que investir muito, investir e nos preparar como profissionais, porque nós temos que ser preparados. Investir nas tecnologias na sala de

aula, pra renovar, pra que as coisas sejam mais rápidas, né. Porque, os dias lá, no copiando do quadro, eu escrevendo, porque eu não tenho papel para imprimir, e nem impressora na escola, não vai poder ser... Então, assim, né, foi muito reflexivo...”

Professora B

(Professora do Ensino Fundamental e do Ensino Médio da rede pública).

B: “Quem me conhece sabe que eu sou extremamente ansiosa, eu não conseguia ficar parada, então no dia 18 de Abril, eu comecei atender meus alunos pelo WhatsApp. Então, quando o estado começou eu já tinha um mês que eu tinha montado os grupos” (ensino médio) [...]

B: “E aí quando veio a proposta do governo pela TV Eu já tava com tudo funcionando... E, entrei de férias prêmio, o que que aconteceu? Eu não abandonei os meninos... A gente tem realmente um grupo de professores que a gente se conhece [...]”

B: “Eu não conheço muitos países, mas os países que eu conheço, no nosso estilo, eu comparo muito o profissional de lá com a gente... Eu vejo que é muito diferente a responsabilidade que se assume com educação, é uma coisa muito séria, e aqui no Brasil a gente sente que tem muita gente levando na brincadeira. Eu venho para espionar essa questão da cobrança, os professores também estão passando por isso”. [...]

B: “É um universo que para mim não foi muito difícil porque eu tô sempre envolvida com a formação...Mas eu tenho amigos que não sabem mexer no celular, eles nem, infelizmente, não tem celular que acessa a internet. Então isso ficou muito complicado.”

B: “Eu vejo um distanciamento da educação entre a visão gestora, não da escola, mas da educação dentro do sistema da escola, seja estadual ou federal ou até mesmo municipal, e a parte pedagógica. Porque muitas das vezes as pessoas que cobram elas não entendem muito da sala de aula. ”

B: “Eu vejo muitos profissionais, não só na inspeção, mas na supervisão, direção... Os secretários municipais, estaduais, eles entendem muito pouco do fluxo da escola, dessa logística que é a sala de aula, que tá ali para trocar aprendizagem...”

B: “A gente tem que encarar esse momento como um momento de desenvolvimento pessoal. Eu, por exemplo, tive que trabalhar com um monte de coisas, fiz várias forças, estão fazendo, vida, internet. E, assim, uma coisa que para mim tá ficando muito visível, existe uma corrente muito forte no Brasil, que tá tendendo para transformar a educação presencial numa educação à distância... Até mesmo pela economia que eu traria em termos de manutenção de pessoal, e até mesmo pelo número de professores que a gente tem”.

B: “O que a gente tem observado que a geração dos nossos alunos eles são informatizados, ele sabe mexer no celular, ele tem acesso à internet, mas eles não entendem da tecnologia. Para eles aplicar um Word, um Excel, isso é muito complexo.”

B: “E aí até mesmo do que eu esperava, eu achava que a maioria dos meus alunos iam adorar essa história de ficar em casa, assistir às aulas na hora que quer, do jeito que quer... Os meus alunos não deram conta de lidarem com o distanciamento, sentem a

falta do colega, do ombro amigo, da brincadeira na escola... Já teve noite de eu ficar até duas horas da manhã com eles no whatsapp, num momento de desabafo”.

B: “Muitos estão desistindo, estão preferindo tomar bomba esse ano para continuar ano que vem. Então, tem uma argumentação muito mais forte do que ser e não presencial, porque no presencial eles estariam copiando do outro, e tapeando a gente. E agora eles não conseguem tapear. ”

B: “[...] Eu tive que assumir um papel meio que de psicóloga. ”

B: “Pelo teletrabalho, muitos quebraram a resistência de se aproximar (pra considera que conta demais) pelo fato de não estar cara a cara. ”

B: “Eu senti um outro lado do aluno que eu não conseguia perceber antes... Estamos juntos pela correria do dia a dia, o quadro e giz... E, e apresenta trabalho, corrige exercícios, chama atenção, manda e desligar o celular em sala de aula...E faz isso, faz aquilo. Um lado do aluno, estava obscuro para mim, e com isso, isso se tornou mais claro, mais evidente. ”

B: “não me sinto à vontade com a aula gravada [...]”

B: “Eu acho que o pessoal da administração deveria pensar um pouco. Porque essa cobrança, na limitações dos professores, às vezes acaba bloqueando mais ainda e trazendo um certo fenômeno que pode, que pode até tá sendo interpretado como má vontade, enrolação [...] ”

B: “Esse período evidenciou o perfil dos profissionais, os que se dedicam dos que não. Ficou evidente pra mim que a educação é uma coisa que depende basicamente do professor e do aluno. ”

B: “Eu acho uma vergonha a gente precisar de um inspetor, a gente precisar de um supervisor. A gente precisar de alguém lhe cobrando que a gente faça aquilo que é fundamental para formação de um sujeito ativo, consciente. Um sujeito que assume o seu papel na construção da própria história, da sua identidade (Bakhtin) ”

B: “Para mim a questão do sujeito, do eu, ela, tá cada dia mais evidente. Porque se eu faço um trabalho de qualidade, meu aluno me responde com a mesma qualidade, essa troca ela vai ser importante para construção de... não de uma pessoa, mas a construção de uma percepção existencial responsável”.

B: “Agora se a gente enquanto professor faz com que o nosso aluno se habitue com a desorganização, com o desinteresse, como de qualquer jeito, com o que for que seja, meia boca, a gente sempre vai conviver cada dia com pessoas mais vazias, irresponsáveis descompromissadas e por aí vai. ”

B: “Na minha escola aconteceu um fenômeno... Quando veio essa opção do chat, o chat não funcionava [...]”

B: “Do ponto de vista do professor é ainda pior: o nosso, ele tem que funcionar, porque ele tá garantido que a gente tá trabalhando, ele é que tá controlando o nosso ponto, tudo uma coisa de controle. E não controlam o dia em que eu fico até 2 horas da manhã, eles não controlam que eu estou com caderno aqui do meu lado resolvendo exercícios que tá

no WhatsApp. Não controla nada disso, eles controlam meu horário de escola. Esse horário da escola, eu vou lá, coloco um oi e vou fazer o que eu quiser. ”

B: “Aqui tá... lá ninguém tá vendo o que eu tô fazendo. A responsabilidade, ela tem que ser minha, o compromisso tem que ser meu, a atitude é minha, ela não é de quem está me supervisionando. Porque, uma tela de computador, ela simplesmente... Ela não te mostra quem eu sou, ela te dá uma ideia, você constrói uma ideia de quem eu sou. Então, eu acho que esse comprometimento ele é individual. ”

B: “E aí, é... Lá na minha escola, quando começou, o meu diretor me mandou uma mensagem solicitando usar os meus grupos para começar o movimento na escola. Ele conseguiu resolver o problema da escola de um turno com o trabalho de um professor. [...]”

B: “Então a gente consegue fazer a educação dá certo, se cada um assumir isso como uma forma de projeto de vida, profissional. Mas, a educação ela tem que ser um projeto pessoal, tanto do professor quanto do aluno. ”

Comentário sobre post de alguns pais sobre estarem enlouquecendo:

B: “Eu luto pela valorização do nosso papel social. Eu acho que esse momento da pandemia, ele tá fazendo isso não só em relação aos nossos alunos, que estão percebendo a importância do estudar, porque eles estão tendo que estudar sozinhos. Como para os pais, que também estão tendo uma outra visão da escola. Eu acho que agora falta o sistema enxergar isso. E o sistema perceber que a partir do momento que existir, não um controle, mas uma formação responsável dos professores... Isso pode produzir um trabalho livre, onde os próprios professores vão perceber sua importância e se dedicar mais a isso, sem essa necessidade de transformar a educação numa prisão para os professores. ”

B: “Os alunos estão se sentindo pressionados e nós professores, com esse movimento aí de que a culpa é toda do professor, a gente tem se sentindo muito exausto também.”

B: “Agora, é uma coisa que quando coloco pedagógico existe sempre uma interrogação. Nós não somos capazes de dimensionar a aprendizagem do aluno e, principalmente, essa aprendizagem virtual... Nós estamos aceitando uma enganação que tá sendo chama de aprendizagem? ”

B: “Mais uma vez eu me vejo incapaz de avaliar [...]”

B: “Acho que nós, no Brasil, precisamos por isso em prática. Qual a minha competência para avaliar um processo tão pessoal quanto a aprendizagem? ”